

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO  
MESTRADO EM ENSINO**

**JOSIANE NAVARRINA MILANO MULLER**

**JOÃO THIAGO DO PATROCÍNIO: UM INTELLECTUAL EM BAGÉ (1893-1936)**

**BAGÉ  
2025**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO  
MESTRADO EM ENSINO**

**JOSIANE NAVARRINA MILANO MULLER**

**JOÃO THIAGO DO PATROCÍNIO: UM INTELLECTUAL EM BAGÉ (1893-1936)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Pampa, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Ensino.

Orientador: Alessandro Carvalho Bica

Co-orientadora: Simôni Costa Monteiro  
Gervásio

**BAGÉ  
2025**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

M958j Muller, Josiane Navarrina Milano  
JOÃO THIAGO DO PATROCÍNIO: UM INTELLECTUAL EM BAGÉ (1893-  
1936) / Josiane Navarrina Milano Muller.  
110 p.  
  
Dissertação(Mestrado)-- Universidade Federal do Pampa,  
MESTRADO EM ENSINO, 2025.  
"Orientação: Alessandro Carvalho Bica".  
  
1. intelectuais. 2. memória. 3. história da educação. 4.  
imprensa. 5. mobilidade social. I. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO  
MESTRADO EM ENSINO**

**Josiane Navarrina Milano Muller**

**JOÃO THIAGO DO PATROCÍNIO: Um intelectual no início do século XX em Bagé**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Ensino.

Dissertação defendida e aprovada em: 21 de março de 2025.

Banca examinadora:

---

**Prof. Dr. Alessandro Carvalho Bica**  
Orientador  
(Unipampa)

---

**Prof.ª Dr.ª Simoni Costa Monteiro Gervásio**  
Coorientadora  
(Unipampa)

---

**Prof. Dr. Marcelo Gomes da Silva**  
(UESC - BA)

---

Prof.ª Dr.ª Yascara Michele Neves Koga Guindani  
(Unipampa)

---

Prof.ª Dr.ª Patricia Weiduschadt  
(UFPEL)

---



Assinado eletronicamente por **ALESSANDRO CARVALHO BICA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 21/03/2025, às 15:56, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **SIMONI COSTA MONTEIRO GERVASIO, PROFESSOR MAGISTERIO SUPERIOR - SUBSTITUTO**, em 21/03/2025, às 16:50, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1696622** e o código CRC **4B4EDE81**.

Dedico este trabalho aos meus filhos  
Pedro e Henrique.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus e à espiritualidade, que me proporcionaram força e perseverança para alcançar esta conquista.

Aos meus avós, Maria da Luz e Alzemiro Milano, Delci e Florício Navarrina, pela inspiração que representaram em suas vidas de perseverança, amor e fé, e a todos que vieram antes deles, preparando o caminho para que eu pudesse trilhar minha jornada com mais tranquilidade.

Aos meus pais, Fani e José, por todo amor, cuidado, apoio incondicional e por serem o alicerce sólido da minha formação e meu porto seguro.

À minha irmã, Josiellen, por ser minha melhor amiga e companheira de vida.

Aos meus filhos, Pedro e Henrique, pela compreensão diante dos momentos em que precisei me dedicar à pesquisa, pela confiança e pelo amor que foram fonte constante de incentivo para a realização deste estudo.

Ao meu marido, Emanuel, por acreditar nas minhas ideias, por ser um incentivador constante da minha trajetória acadêmica e profissional, e por sempre ajudar a acalmar minhas angústias, medos e incertezas.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Alessandro Bica, pela confiança, dedicação e amizade.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Simôni, minha coorientadora, pelas valiosas orientações, acolhimento e conversas que tanto enriqueceram esta caminhada.

À Unipampa e aos docentes do Programa de Mestrado Acadêmico em Ensino, por todas as trocas e aprendizados compartilhados ao longo do curso.

Por fim, mas não menos importante, agradeço aos membros da banca examinadora — Prof. Dr. Marcelo Gomes da Silva, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Yaskara Michele Neves Koga e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Weiduschadt — pelo carinho na leitura e pelas contribuições valiosas que certamente enriqueceram este trabalho.

*Se as coisas são inatingíveis... ora!  
Não é motivo para não querê-las...  
Que tristes os caminhos, se não fora  
A presença distante das estrelas!*  
*Mario Quintana*

## RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo investigar a trajetória de vida e atuação de João Thiago do Patrocínio — jornalista, poeta, redator, articulista e médico natural de Bagé — um homem negro nascido ao final do século XIX, em uma família de origem humilde, que obteve ascensão pessoal e profissional em um contexto historicamente marcado por barreiras sociais e raciais. A partir da análise documental, composta por fotografias, registros escolares do Ginásio Auxiliadora, textos publicados na imprensa, como artigos de opinião, colunas e poemas, buscamos compreender as marcas deixadas por sua atuação nos diversos campos em que se envolveu, bem como suas redes de sociabilidade e o legado construído ao longo da vida. As fotografias utilizadas como fonte histórica auxiliaram na visualização do ambiente escolar frequentado por Patrocínio, oferecendo pistas sobre o perfil da clientela atendida pelo Ginásio Auxiliadora. Por meio dessas imagens, foi possível observar elementos de classe, etnia e práticas culturais presentes no cotidiano da instituição, revelando a predominância de alunos brancos em comparação à minoria negra, o que reforça a seletividade social do espaço educacional naquele período. Assim, a fotografia foi compreendida não apenas como um registro estético, mas como documento histórico capaz de reconstituir aspectos da realidade educacional do início do século XX, conforme defendem Vidal e Abdala (2005). Neste sentido, a pesquisa também se propõe a lançar luz sobre a história da educação no Rio Grande do Sul e, de forma mais específica, na cidade de Bagé, a fim de entender as condições de acesso, permanência e circulação nos espaços escolares durante o período em que Patrocínio viveu. Paralelamente, são investigadas as articulações entre imprensa, Igreja Católica e instituições de ensino, como elementos constitutivos da formação intelectual e social dos sujeitos daquele tempo. A análise se ancora na perspectiva teórica de Sirinelli (2003), que compreende o intelectual como ator político inserido em contextos históricos específicos, cuja legitimidade decorre de sua atuação intelectual, e não necessariamente de vínculos diretos com a esfera política institucional. Nesse quadro, a pesquisa problematiza se é possível enquadrar João Thiago do Patrocínio como um intelectual, considerando sua trajetória e contribuições públicas. O estudo é respaldado por autores como Pimentel (2001), Avelar (2010), Manzato e Santos (2012), Prado (2010), Sirinelli (2003) e Roiz (2017), cujas contribuições são fundamentais para a compreensão do campo intelectual e das relações entre

imprensa, educação e mobilidade social no Brasil. Apesar de dar nome a uma escola da rede municipal de ensino em Bagé, João Thiago do Patrocínio permanece, em grande medida, invisível para a população local. Assim, o resgate de sua memória e de sua história se faz necessário, não apenas como exercício de justiça histórica, mas como forma de reconhecer a pluralidade de vozes que contribuíram para a construção do espaço educacional e cultural do estado.

**Palavras-chave:** intelectuais; memória; história da educação; imprensa; mobilidade social.

## ABSTRACT

This research aims to investigate the life trajectory and professional activities of João Thiago do Patrocínio — a journalist, poet, writer, columnist, and physician from Bagé — a Black man born at the end of the 19th century into a humble family, who achieved personal and professional advancement in a context historically marked by social and racial barriers. Through documentary analysis, including photographs, school records from Ginásio Auxiliadora, and texts published in the press such as opinion articles, columns, and poems, this study seeks to understand the legacy of his work in the various fields he was involved in, as well as his social networks and the legacy built throughout his life. Photographs used as historical sources helped visualize the school environment attended by Patrocínio, offering insights into the student profile served by Ginásio Auxiliadora. These images allowed for the observation of class, ethnicity, and cultural practices present in the institution's daily life, revealing a predominance of white students over Black students, which underscores the social selectivity of educational spaces during that period. Thus, photography is understood not merely as an aesthetic record but as a historical document capable of reconstructing aspects of early 20th-century educational realities, as argued by Vidal and Abdala (2005). In this sense, the research also aims to shed light on the history of education in Rio Grande do Sul and, more specifically, in the city of Bagé, in order to understand the conditions of access, permanence, and circulation within school spaces during the time Patrocínio lived. Additionally, the study examines the connections between the press, the Catholic Church, and educational institutions as foundational elements in the intellectual and social formation of individuals in that era. The analysis is grounded in the theoretical perspective of Sirinelli (2003), who defines the intellectual as a political actor embedded in specific historical contexts, whose legitimacy stems from intellectual engagement rather than formal ties to institutional politics. Within this framework, the research questions whether João Thiago do Patrocínio can be considered an intellectual, based on his life trajectory and public contributions. The study is supported by scholars such as Pimentel (2001), Avelar (2010), Manzato and Santos (2012), Prado (2010), Sirinelli (2003), and Roiz (2017), whose work is essential for understanding the intellectual field and the intersections between the press, education, and social mobility in Brazil. Although a municipal school in Bagé bears his name, João Thiago do Patrocínio remains largely invisible to the local population. Therefore,

recovering his memory and history is necessary, not only as an act of historical justice but also as a means of recognizing the plurality of voices that have contributed to the educational and cultural development of the state.

**Keywords:** intellectuals; memory; education history; press; social mobility.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa do Rio Grande do Sul – percurso Bagé x Passo Fundo .....	24
Figura 2 - Fotografia do Preto Caxias/Mão Preta .....	26
Figura 3 - Foto da Mãe Luciana .....	27
Figura 4 - Regimento Interno do Ginásio Auxiliadora (1904) .....	41
Figura 5 - Formas de permanência no Ginásio (1904, p. 7) .....	42
Figura 6 - Enxoval para os estudantes (1904, p. 5) .....	42
Figura 7 - Homenagem aos alunos (O Dever, 02 de setembro de 1905, p. 1)	43
Figura 8 - Livro de 50 anos do Ginásio Auxiliadora (1954) .....	45
Figura 9 - Alunos de religião com o Monsenhor Costábile Hippolyto (1954) ..	46
Figura 10 - Batalhão Gymnasial com autoridades civis e militares, representantes da imprensa e colaboradores salesianos .....	47
Figura 11 – Cônego Bittencourt .....	61
Figura 12 - João Thiago em sua formatura no Ginásio Auxiliadora .....	63
Figura 13 - Átila Vinhas, João Thiago do Patrocínio e Nei Wiedmann .....	64
Figura 14 – Jornal Correio do Sul (16 de dezembro de 1914, p. 4) .....	65
Figura 15 - Telegrama de Bittencourt para Hippolyto .....	66
Figura 16 - Jornal Correio do Sul .....	67
Figura 17 - Anúncio no Jornal Correio do Sul (15 de maio de 1923) .....	68
Figura 18 - Anúncio no Jornal Correio do Sul (28 de novembro de 1925, capa)	69
Figura 19 - Jornal Correio do Sul (27 de novembro de 1925) .....	70
Figura 20 - jornal <i>O Nacional</i> (de 04 de maio de 1931) .....	72
Figura 21 - Jornal O Nacional (28 de março de 193, p. 4) .....	72
Figura 22 - Jornal Correio do Sul (28 de abril de 1936, p. 2) .....	73
Figura 23 - Registro de sepultamento de João Thiago do Patrocínio .....	74
Figura 24 - Jornal Correio do Sul (28 de abril de 1936, p. 2) .....	75
Figura 25 - Jornal Correio do Sul (28 de abril de 1936, p. 2) .....	76
Figura 26 - Jornal Correio do Sul (p.5, 29 de abril de 1936) .....	82
Figura 27 – 1ª publicação no Jornal O Nacional (10 de fevereiro de 1931, p. 2) .....	83

Figura 28 – Primeira notícia sobre João Thiago do Patrocínio (O Nacional, 27 de janeiro de 1931).....	83
Figura 29 –Notícia sobre a despedida de João Thiago do Patrocínio de Passo Fundo (O Nacional, 05 de março de 1931) .....	84
Figura 30 – "Uma pena que desperta" (O Nacional, 09 de março de 1931, p. 2) .....	85
Figura 31 – Jornal Correio do Sul (16 de dezembro de 1914, p. 4) .....	87
Figura 32 - Polianteia: Cinquentenário da ordenação sacerdotal (1942) .....	87
Figura 33 - Fotografia de João Thiago do Patrocínio para o Monsenhor .....	88
Figura 34 - Jornal Reacção (29 de abril de 1936) .....	90
Figura 35 - Publicação no Jornal Correio do Sul (8 de abril de 1962, p. 4) ....	92
Figura 36: Faces de João Thiago do Patrocínio .....	93
Figura 37: Coronel Xavier e Paulo Patrocínio em celebração na EMEF Dr. João Thiago do Patrocínio .....	94
João Thiago do Patrocínio .....	91

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Levantamento dos trabalhos que falam sobre a história da educação e os intelectuais .....	32
Quadro 2 - Levantamento dos trabalhos na base de periódicos da CAPES ...	33
Quadro 3 - Levantamento dos trabalhos na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações .....	34
Quadro 4 - Categorização dos trabalhos selecionados .....	37

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ASPHE – Associação Sul-Riograndense de Pesquisadores em História da Educação

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

FMPA - Faculdade de Medicina de Porto Alegre

MAE - Mestrado Acadêmico em Ensino

NEABI - Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas

PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul

SCIELO – Scientific Electronic Library Online

SIEPE – Salão Internacional de Educação, Pesquisa e Extensão

SOE - Serviço de Orientação Educacional

UERGS - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

UPF - Universidade Federal de Passo Fundo

UNIPAMPA - Universidade Federal do Pampa

URCAMP - Universidade da Região da Campanha

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>18</b>
<b>1.1</b>	<b>Aproximação com o tema .....</b>	<b>18</b>
<b>2</b>	<b>EMBASAMENTO TEÓRICO .....</b>	<b>31</b>
<b>2.1</b>	<b>Revisão de Literatura .....</b>	<b>31</b>
<b>2.2</b>	<b>Análise dos dados obtidos .....</b>	<b>34</b>
<b>3</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>39</b>
<b>3.1</b>	<b>O cenário educacional de Bagé/RS no início do século XX .....</b>	<b>39</b>
<b>3.2</b>	<b>História da Educação e a imprensa .....</b>	<b>49</b>
<b>3.3</b>	<b>Estudos acerca do fazer intelectual .....</b>	<b>55</b>
<b>4</b>	<b>ELE ERA APENAS MAIS UM JOÃO .....</b>	<b>61</b>
<b>4.1</b>	<b>As produções de Patrocínio .....</b>	<b>79</b>
<b>4.2</b>	<b>Hippolyto: "o mensageiro de Deus" .....</b>	<b>85</b>
<b>4.3</b>	<b>As memórias contadas por Ricardo Graner Patrocínio .....</b>	<b>88</b>
<b>4.4</b>	<b>Uma escola em homenagem a João Thiago .....</b>	<b>90</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>96</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>103</b>
	<b>Anexos</b>	<b>111</b>

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 Aproximação com o tema

Ao ingressar na universidade, em 2005, comecei a trabalhar como professora na Prefeitura de Bagé. Dois anos depois, fui nomeada no concurso público para atuar como professora de Educação Infantil e Séries Iniciais, na mesma cidade. Nesse período, conheci a professora Regina Quintanilha Azevedo. Uma profissional incrível, que ministrava suas aulas, demonstrando ser uma intelectual, apresentando os temas com muita propriedade e desenvoltura. Nesse momento, decidi que queria fazer mestrado e doutorado com a finalidade de atuar como pesquisadora na universidade.

No entanto, aos 23 anos, cursando o 5º semestre da Faculdade, decidi parar de estudar, pois, naquele momento, havia uma tarefa mais importante e significativa: ser MÃE. O Pedro nasceu em uma manhã fria, do dia 16 de setembro de 2008. Quando ele completou dezoito meses, nasceu o Henrique, no dia 15 de março de 2010. Enquanto cuidava dos meus filhos, trabalhava como professora nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Em 2012, retornei à faculdade de Pedagogia, dividindo meu tempo entre ser mãe do Pedro e do Henrique, atuar como professora e estudante. Ao final de 2013 concluí o curso de licenciatura. Dias antes da formatura, fui convidada para atuar como supervisora pedagógica em uma escola municipal de educação infantil. A nova oportunidade de trabalho me proporcionou muitos aprendizados.

Entre 2019 e 2021, realizei um Curso de Especialização presencial, na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS – Campus - Bagé/RS, no qual o trabalho de conclusão abordou o trabalho de professores homens na rede municipal de ensino de Bagé, especificamente na educação infantil. Foi nesse momento que emergiu o antigo sonho de fazer mestrado, com pesquisa na área de História da Educação. Eu havia me apaixonado pela disciplina, ainda no curso de Pedagogia, com a adorável e encantadora professora Regina Quintanilha Azevedo.

Mesmo antes de ingressar no Mestrado Acadêmico em Ensino, enquanto membro externo do PHERA, tive contato com os materiais do acervo da EMEF Dr. João Thiago do Patrocínio, onde identifiquei o patrono como um homem negro, médico do início do século XX. Nesse ínterim, surgiram muitos questionamentos e a vontade de saber mais sobre sua história, percebendo que poderia ser a oportunidade

para falar sobre a história desse personagem que acabou se tornando, com o passar dos anos, invisível na sociedade bajeense.

E em 2023, ingressei no Mestrado, como orientanda do professor Alessandro Carvalho Bica, que é uma referência para mim. O anteprojeto previa escrever sobre João Thiago, narrando sua trajetória como um homem negro que ascendeu no início do século XX, todavia, outro ângulo ficou evidenciado nas análises do acervo da instituição escolar, pois ele foi jornalista, poeta, redator e articulista, ou seja, ele teve a oportunidade de expor suas ideias e é citado como um homem inteligente e intelectual por seus colegas de imprensa.

A investigação proposta neste trabalho parte da tentativa de reconhecer João Thiago do Patrocínio como um possível intelectual bajeense do início do século XX. Para isso, foi necessário realizar um levantamento bibliográfico que permitisse compreender, em termos teóricos e históricos, o conceito de intelectual e, ainda, avaliar se esta pesquisa se aproxima de uma biografia tradicional ou de uma análise mais ampla da trajetória de vida do personagem investigado.

A pergunta central que norteia este estudo é: seria possível considerar João Thiago do Patrocínio — a partir de sua atuação como jornalista, médico, redator e poeta — um intelectual, conforme os pressupostos teóricos desenvolvidos por Jean-François Sirinelli? A intenção não é apenas classificá-lo, mas compreender de que maneira suas práticas sociais e produções intelectuais dialogam com a noção de intelectualidade proposta por esse autor, especialmente no que se refere ao papel social desempenhado por tais sujeitos históricos.

Nesse processo de análise, entende-se que os dados devem ser interpretados à luz dos estudos biográficos e das reflexões sobre o campo intelectual, sempre considerando o contexto histórico em que João Thiago viveu e atuou. Assim, este trabalho adota como objetivo geral conhecer a trajetória de vida de João Thiago do Patrocínio, destacando a relevância de sua atuação profissional e refletindo sobre a possibilidade de enquadrá-lo como um intelectual segundo os parâmetros de Sirinelli.

Entre os objetivos específicos, destacam-se: identificar os fatores que possibilitaram sua ascensão social e profissional, analisando suas redes de sociabilidade e inserção política; compreender o cenário da educação no Brasil e no Rio Grande do Sul no início do século XX; e investigar como a imprensa — em especial

a imprensa negra — contribuiu com os processos educativos e formativos naquele período.

Como observa Panizzolo (2011, p. 80), escrever uma biografia implica mais do que simplesmente narrar os fatos de uma vida — é necessário interpretar uma trajetória à luz das mediações sociais, culturais e históricas que a constituem. Nessa direção, o trabalho aqui apresentado busca reconstruir a trajetória de João Thiago do Patrocínio a partir de diferentes fontes documentais, incluindo textos jornalísticos, registros escolares, fotografias históricas e, de maneira significativa, o depoimento de seu neto, o qual gentilmente colaborou com esta pesquisa.

Essa contribuição pessoal enriquece o estudo ao conferir densidade humana à análise e reforça a importância de preservar a memória de sujeitos historicamente invisibilizados. É importante delimitarmos o norte da pesquisa acerca do estudo biográfico ou trajetória de vida, para tanto recorremos a Avelar (2010, p. 159), que considera ao refletirmos sobre os limites e potencialidades das abordagens biográficas na historiografia, torna-se evidente o tensionamento entre diferentes paradigmas teóricos que orientam a análise de trajetórias individuais.

Conforme aponta Avelar (2010), a biografia, embora legitimada como objeto de estudo pelos historiadores, foi durante muito tempo restrita a dois modelos predominantes: o da biografia representativa e o do estudo de caso. No primeiro, o sujeito biografado não é considerado relevante por sua singularidade, mas sim por representar um conjunto social mais amplo, funcionando como uma chave de leitura para compreender processos coletivos. No segundo modelo, o indivíduo aparece como ilustração de estruturas sociais maiores — ele é um exemplo que confirma uma lógica macro-histórica previamente estabelecida, não sendo, portanto, problematizado em sua individualidade.

Em contraponto, os estudos de Born (2001) oferecem uma perspectiva que desloca o foco da mera representatividade para a complexidade das experiências individuais. Ao compreender a trajetória de vida como um encadeamento de eventos biográficos que estruturam a existência de uma pessoa — como nascimento, escolarização, casamento, inserção profissional e aposentadoria — o autor propõe uma análise sensível ao tempo social e aos padrões que regulam a vida em sociedade. Essa abordagem permite reconhecer como as escolhas e possibilidades individuais estão ancoradas em condicionantes históricos e sociais, sem, no entanto, diluir a especificidade do sujeito.

A partir desse confronto teórico, torna-se possível afirmar que o estudo da vida de João Thiago do Patrocínio não se encaixa de maneira rígida em nenhum dos dois modelos criticados por Avelar. Sua trajetória é marcada por marcos documentados — como seu batismo, sua formação no Ginásio Auxiliadora, a atuação na imprensa e na medicina — que não apenas situam sua vida em um tempo e espaço determinados, mas também revelam estratégias de mobilidade social e intelectual em um contexto historicamente excludente para a população negra no Brasil.

Assim, esta pesquisa opta por uma abordagem qualitativa, alicerçada em uma investigação documental exploratória, de natureza biográfica e histórica. A escolha por esse método se justifica pela intenção de não apenas descrever os eventos da vida de Patrocínio, mas compreendê-los dentro de uma lógica social e cultural mais ampla, onde o indivíduo não é apenas reflexo das estruturas, mas também agente de sua própria história. Nessa perspectiva, as figuras que cruzaram seu caminho, como educadores, jornalistas e membros da Igreja, são tratadas como personagens coadjuvantes que contribuíram para a construção de sua trajetória, sem, contudo, reduzir sua experiência a meras ilustrações de processos coletivos.

Segundo Pimentel (2001, p. 180), os estudos baseados em documentos exigem mais do que simples coleta ou exposição das fontes: requerem um processo interpretativo e metodologicamente rigoroso. A autora destaca que é imprescindível que os materiais documentais sejam devidamente identificados, classificados e organizados, pois somente a partir desse trabalho sistemático é possível construir uma narrativa histórica coerente e fundamentada.

Nesse sentido, a documentação não fala por si mesma; ela demanda uma mediação crítica por parte do pesquisador, que, ao analisar os vestígios do passado, deve estar atento às condições de produção, circulação e preservação desses registros. Trata-se, portanto, de um exercício hermenêutico que, ao mesmo tempo em que reconstrói trajetórias e contextos, revela também os silêncios e as ausências que permeiam as fontes históricas.

[...] ao construir biografias, os historiadores devem estar atentos aos perigos de formatar seus personagens e de induzir o leitor à expectativa ingênua de estar sendo apresentado a uma vida marcada por regularidades, repetições e permanências. (Avelar, 2010, p. 162).

A partir da advertência de Avelar (2010, p. 162) — de que, ao construir biografias, os historiadores devem evitar a tentação de moldar seus personagens

segundo expectativas de linearidade ou permanência —, compreende-se que a escrita biográfica exige um olhar sensível à complexidade e às rupturas que atravessam uma trajetória individual. Assim, este estudo tem como propósito reconstruir a trajetória de João Thiago do Patrocínio não para apresentar uma vida modelada por padrões previsíveis, mas para evidenciar os aspectos que o configuram como um intelectual negro no início do século XX.

A análise de sua atuação como jornalista, poeta, médico e articulador de ideias busca compreender as formas pelas quais ele interagiu com seu tempo, enfrentando as limitações impostas por uma sociedade excludente. Ao iluminar suas práticas sociais, produções intelectuais e inserções profissionais, procuramos argumentar, à luz das reflexões de Sirinelli, que sua vida e obra ultrapassam a condição de mero exemplo, configurando-se como expressão singular de resistência e mobilidade social em um contexto marcado por profundas desigualdades.

Para Pimentel (2001, p. 191), “a análise de documentos pode se caracterizar como instrumento complementar ou ser o principal meio de concretização do estudo, como é o caso da investigação historiográfica”. De acordo com Manzato e Santos (2012, p. 4), na pesquisa documental são investigados documentos a fim de se poder descrever e comparar usos e costumes, tendências, diferenças e outras características. Apoiados nessa ideia, buscamos compreender o período histórico em que Patrocínio viveu, bem como os hábitos e costumes da sociedade a época.

O início da pesquisa ocorreu na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. João Thiago do Patrocínio. Lá, foi encontrada uma caixa, contendo fotografias do patrono e de atividades escolares da instituição, recortes de textos publicados em impressos por ele e em sua homenagem, além de documentos acadêmicos, como sua tese da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, diplomas de honra ao mérito do Ginásio Auxiliadora e fotocópias de textos manuscritos e publicados em jornais onde atuou. A caixa estava sob os cuidados de uma professora que, cuidadosamente, armazenou-a na sala do SOE para evitar extravios.

A pesquisa documental prosseguiu no Arquivo Público Municipal Tarcísio Taborda, onde foram localizadas edições do Jornal Correio do Sul que registram episódios significativos da vida de João Thiago do Patrocínio, além de um excerto do livro *Escritores Bageenses*, de Élide Garcia, que o menciona em seu levantamento literário. Já no Museu Dom Diogo de Souza, foi possível acessar parte do acervo do antigo Ginásio Auxiliadora — hoje Colégio Auxiliadora —, que guarda registros

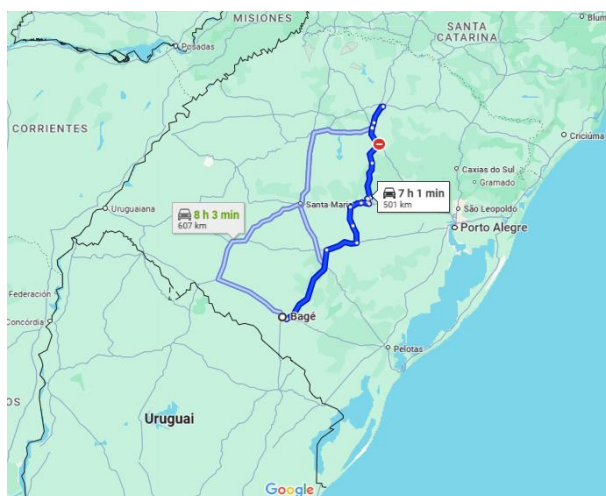
valiosos sobre o funcionamento da instituição. Entre os documentos examinados, destacam-se regulamentos internos, livros comemorativos dos 50 e 100 anos da presença salesiana em Bagé, listas de alunos homenageados por desempenho e um conjunto expressivo de fotografias.

Por outro lado, a tentativa de encontrar informações junto ao 25º Grupo de Artilharia de Campanha revelou-se infrutífera, uma vez que o acervo da unidade foi severamente comprometido por um incêndio ocorrido na década de 1990. Essa perda documental impõe limites à reconstituição de aspectos relacionados à atuação de Patrocínio no Exército, demonstrando, mais uma vez, os desafios enfrentados por pesquisadores que se debruçam sobre trajetórias individuais, especialmente de personagens historicamente marginalizados.

Com poucos recursos, buscamos no Cartório de Pessoas Naturais de Bagé e ao setor administrativo do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé. No primeiro, foi possível acessar a certidão de casamento de João e Camilla e descobrir que seu filho nascera em Cruz Alta, tendo solicitado imediatamente ao cartório da cidade a certidão. Já no segundo, quanto ao documento de sepultamento, que descreve a cerimônia fúnebre. No Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé foi disponibilizado o registro de sepultamento de Patrocínio.

Ainda, buscamos no Arquivo Histórico Regional, na Universidade de Passo Fundo, o acervo do jornal O Nacional, onde encontramos vários textos publicados de João Thiago e que o homenageiam. Para isso, foi necessário realizar uma viagem de Bagé a Passo Fundo, pois os documentos estão digitalizados, mas não estão disponíveis para acesso na internet. Assim, realizamos o deslocamento que teve duração de 8 horas de viagem de carro, saindo da Campanha Gaúcha e chegando no Planalto Médio, do Rio Grande do Sul, totalizando 512 km para ir e a mesma distância para retornar para casa.

Figura 1 – Mapa do Rio Grande do Sul – percurso Bagé X Passo Fundo



Fonte: Google (2025)

Com o apoio da 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, foi possível localizar documentos que registram a atuação de João Thiago do Patrocínio na enfermaria da unidade militar, especialmente nos anos finais de sua vida. Esses registros revelam não apenas sua vinculação formal à instituição, mas também sua responsabilidade enquanto chefe do setor de saúde, função que exerceu em distintos períodos. As informações coletadas incluem, inclusive, dados sobre seu falecimento, indicando que Patrocínio se manteve em plena atividade profissional até os últimos momentos de sua trajetória. A preservação desses documentos militares contribui significativamente para a reconstrução de sua biografia, ao evidenciar o reconhecimento institucional de sua competência e dedicação como médico, além de reforçar seu papel no atendimento à saúde da corporação e na história social da medicina militar em Bagé.

Dessa forma, iniciamos a elaboração da biografia de João Thiago do Patrocínio a partir da análise de documentos que permitiram contextualizar o período histórico e sociocultural em que viveu. O exame das fontes primárias possibilitou delinear os principais marcos de sua trajetória pessoal e profissional, bem como as relações sociais que estabeleceu ao longo da vida. Na sequência, recorreremos a referenciais bibliográficos que auxiliam na compreensão mais ampla do cenário social, político e cultural do final do século XIX e início do século XX, situando a experiência de Patrocínio no contexto das transformações educacionais, das tensões raciais e das

formas de atuação intelectual vigentes naquele momento. Essa articulação entre documentação e bibliografia sustenta a análise crítica da trajetória do biografado, oferecendo subsídios para refletir sobre seu papel como sujeito histórico e potencial intelectual no âmbito regional.

Segundo Prado (2010, p. 124), diante da impossibilidade de acessar fontes diretas que permitam a reconstituição minuciosa dos acontecimentos, o pesquisador deve recorrer a outros tipos de documentos que possam colaborar na reconstrução dos dados. A partir dessa orientação metodológica, a pesquisa buscou ampliar o escopo das fontes utilizadas, incorporando fotografias do Ginásio Auxiliadora com o intuito de identificar o perfil social da clientela atendida pela instituição. Além disso, foram analisados áudios enviados via aplicativo WhatsApp pelo único neto vivo de João Thiago do Patrocínio, recurso que se revelou importante para o resgate de memórias familiares e aspectos subjetivos da vida do biografado.

No decorrer da investigação, surgiu a hipótese de que Patrocínio pudesse ter integrado a Maçonaria, considerando o contexto histórico e os vínculos sociais estabelecidos por ele. Com o objetivo de esclarecer essa possibilidade, entrou-se em contato com um membro de uma Loja Maçônica da cidade de Bagé, que colaborou com a pesquisa. Contudo, após análise documental, a hipótese foi descartada, visto que não foram encontrados registros que comprovassem sua filiação ou participação em atividades maçônicas. A ausência de documentação nesse sentido reforça a importância de uma abordagem investigativa cuidadosa e crítica no tratamento de hipóteses biográficas.

Cabe, ainda, destacar que a invisibilidade em torno da memória de João Thiago do Patrocínio não reflete uma regra geral em relação às figuras negras da história bajeense. Existem exemplos significativos de pessoas negras que deixaram marcas profundas na sociedade local e cujas memórias foram preservadas e reconhecidas pela comunidade. É o caso do enfermeiro Maximiano Domingos do Espírito Santo, conhecido como Mão Preta ou Preto Caxias, e de Luciana Lealdina de Araújo, a Mãe Luciana, fundadora do Orfanato São Benedito. Ambos foram homenageados com a nomeação de ruas em Bagé e ainda hoje têm suas sepulturas visitadas, o que indica um processo de reconhecimento público de suas contribuições.

Esse contraste evidencia que o apagamento da trajetória de Patrocínio não decorre exclusivamente de sua condição racial, mas envolve também fatores relacionados à ausência de registros materiais, à pouca divulgação de sua atuação e,

possivelmente, à natureza de suas atividades — mais voltadas à produção intelectual e à imprensa do que ao convívio comunitário direto. Tal constatação reforça a necessidade de visitar arquivos, recuperar documentos e mobilizar a memória coletiva para restaurar o lugar de Patrocínio na história local.

Figura 2 - Fotografia do Preto Caxias/Mão Preta



Fonte: Autora (2025)

Figura 3 - Foto da Mãe Luciana



Fonte: Acervo do Museu Dom Diogo de Souza (2024)

Para compreendermos o papel dos intelectuais, recorremos a Gomes e Hansen (2016, p. 10), que afirmam que os intelectuais são vistos como "homens da produção de conhecimentos e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social". Dessa forma, ao escrevermos a biografia de Patrocínio, destacaremos suas relações sociais e a atuação como jornalista, como caminhos para analisar seu percurso intelectual.

Assim, na sequência de capítulos que compõem essa pesquisa registramos a seguir a revisão de literatura, com trabalhos que evidenciam estudos sobre a história da educação no início do século XX, os intelectuais e a imprensa. Essa revisão é composta por 10 artigos, 3 dissertações e 1 tese, listados a partir de buscas nas bases: SciELO Brasil, Portal de Periódicos da CAPES e a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. Posteriormente, vem o referencial teórico, contendo o cenário educacional de Bagé/RS no início do século XX, que aborda as condições de oferta de matrículas em instituições públicas e privadas, além de uma análise sobre os primeiros anos do Ginásio Auxiliadora.

Dando sequência à estrutura desta pesquisa, apresentamos a seguir a revisão de literatura, fundamentada em estudos que exploram a história da educação no início do século XX, o papel dos intelectuais e a atuação da imprensa nesse contexto. Essa etapa foi construída a partir da análise de 10 artigos científicos, 3 dissertações de mestrado e 1 tese de doutorado, selecionados por meio de buscas sistematizadas em bases reconhecidas, como SciELO Brasil, o Portal de Periódicos da CAPES e a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações.

Além de mapear a organização e o acesso à educação formal no período, essa revisão também contempla o entrelaçamento entre a educação e os meios de comunicação, com ênfase na imprensa como instrumento de formação, informação e resistência social. Ao longo das primeiras décadas do século XX, jornais e periódicos ocuparam um lugar estratégico na disseminação de ideias e valores, atuando como espaços de circulação intelectual e debate público. Nesse cenário, a imprensa negra, por exemplo, destacou-se por propor uma pedagogia voltada à construção de uma consciência coletiva e identitária, especialmente entre os grupos historicamente marginalizados.

Outro eixo central desta seção refere-se aos estudos sobre o fazer intelectual. Com base em autores como Sirinelli, Roiz e Panizzolo, examinamos as diferentes formas de atuação e reconhecimento dos intelectuais ao longo do tempo. Inicialmente associados à elite letrada, ao bacharelismo e à produção discursiva formal, os intelectuais eram compreendidos sobretudo a partir de seu prestígio social e de sua inserção em espaços públicos de influência. Contudo, os estudos contemporâneos sobre o campo intelectual vêm ampliando essa concepção, permitindo reconhecer formas diversas de atuação intelectual, muitas vezes ligadas à militância social, à produção jornalística e à circulação de saberes fora da academia.

É nesta seção, portanto, que nos debruçamos sobre essas transformações e nuances, buscando compreender as mudanças no entendimento do que significa ser um intelectual, desde os modelos tradicionais do início do século XX até as abordagens mais recentes, que valorizam a prática intelectual em sua dimensão relacional, histórica e socialmente situada. Tais reflexões são fundamentais para sustentar a análise da trajetória de João Thiago do Patrocínio, à luz dos critérios propostos por esses estudiosos.

Na etapa subsequente, é desenvolvido o referencial teórico, o qual se dedica à contextualização do cenário educacional do município de Bagé/RS no início do século XX. Essa seção contempla uma análise das condições de oferta de ensino tanto nas instituições públicas quanto nas privadas da época, com ênfase para os primeiros anos de funcionamento do Ginásio Auxiliadora, destacando suas características estruturais, pedagógicas e o perfil da clientela atendida.

O Capítulo 4, intitulado “Ele era apenas mais um João”, dedica-se à reconstrução da trajetória de vida de João Thiago do Patrocínio, médico, jornalista e intelectual negro nascido em Bagé no final do século XIX. A partir da análise de fontes documentais e impressas, bem como de memórias familiares, busca-se compreender os caminhos trilhados por Patrocínio para consolidar sua presença no campo profissional e intelectual em uma sociedade marcada por profundas desigualdades raciais e sociais.

A narrativa se apoia, em grande parte, nas memórias afetivas e relatos de seu único neto, Ricardo Graner Patrocínio, que gentilmente compartilhou lembranças e documentos da família, resgatando aspectos da vida pessoal e da atuação pública de seu avô. Esses testemunhos permitem que a trajetória de João Thiago seja abordada não apenas como um conjunto de marcos biográficos, mas como uma experiência vivida, atravessada por afetos, vínculos sociais e estratégias de resistência.

Nesse percurso, ganha destaque a figura do Monsenhor Costábile Hippolyto, nomeado neste estudo como “O mensageiro de Deus”, cuja influência foi decisiva para a ascensão acadêmica e social de Patrocínio. Hippolyto foi mais que um orientador espiritual; articulou sua entrada na Faculdade de Medicina e acompanhou de perto momentos significativos de sua vida, como a celebração do casamento e, posteriormente, os ritos fúnebres. O vínculo entre ambos ilustra a importância das redes religiosas e do capital social e simbólico na trajetória de jovens negros que, como João Thiago, desafiaram as barreiras estruturais do seu tempo.

Também são analisadas as produções textuais de Patrocínio em jornais gaúchos, por meio das quais se observa seu engajamento com temas sociais e políticos e sua inserção em debates públicos relevantes. Seus textos revelam um sujeito consciente de seu papel transformador, que, pela palavra escrita, procurava intervir nas estruturas discursivas e nas formas de representação da população negra.

Por fim, o capítulo recupera a homenagem póstuma prestada a João Thiago do Patrocínio com a nomeação de uma escola da rede municipal de ensino de Bagé que

leva seu nome. A instituição representa não apenas o reconhecimento oficial de sua importância histórica, mas também um espaço de memória e resistência, sobretudo em uma sociedade que, historicamente, invisibilizou as contribuições intelectuais de sujeitos negros. Ao trazer essa homenagem à tona, reafirma-se a necessidade de resgatar e valorizar trajetórias como a de Patrocínio, fundamentais para a construção de uma história da educação mais plural e inclusiva.

O Capítulo 5 representa a etapa conclusiva desta pesquisa, na qual se consolidam as reflexões construídas ao longo do estudo e se reafirma a relevância da trajetória de João Thiago do Patrocínio como expressão do fazer intelectual no início do século XX. A partir dos referenciais teóricos de Jean-François Sirinelli e Diogo Roiz, foi possível compreender que a condição de intelectual não se restringe apenas à produção acadêmica tradicional, mas inclui a atuação pública por meio da escrita, da mobilização de saberes e da participação ativa nos debates sociais de sua época.

Com base nas produções jornalísticas, nas evidências documentais e nas memórias preservadas por seus descendentes, esta pesquisa sustenta que Patrocínio exerceu um papel significativo no cenário cultural e educacional de Bagé, articulando-se como uma voz que se manifestava em defesa de valores como o acesso à educação, a dignidade da população negra e o desenvolvimento social. Sua trajetória, marcada pela superação de barreiras raciais e socioeconômicas, representa um caso exemplar da presença negra no campo intelectual, frequentemente invisibilizada pela historiografia tradicional.

Portanto, a partir do conjunto de evidências analisadas, confirma-se que João Thiago do Patrocínio deve ser reconhecido como um intelectual bajeense do início do século XX, cuja atuação atravessou os espaços da imprensa, da medicina e da educação, deixando marcas que ainda hoje ressoam na memória coletiva local e na história da intelectualidade negra no Brasil.

## 2 EMBASAMENTO TEÓRICO

### 2.1 Revisão de literatura

Durante o processo de revisão de literatura selecionamos e manipulamos dados coletados no levantamento de trabalhos científicos definidos para a pesquisa, em virtude de evidenciar o trabalho na área da História da Educação, onde buscamos elencar produções que contribuem para pesquisas sobre a história da educação no início do século XX e estudos sobre a História Intelectual e os Intelectuais.

Dessa forma, processo de revisão de literatura foi iniciado no primeiro semestre do Mestrado, na disciplina de Produção Científica e Revisão de Literatura, na qual as professoras apresentaram os tipos de revisão, destacando a revisão sistemática e os procedimentos metodológicos para realizá-la. Para esclarecer o processo de revisão, recorreremos a Galvão e Pereira (2014, p. 183) que afirmam:

Os métodos para elaboração de revisões sistemáticas preveem: (1) elaboração da pergunta de pesquisa; (2) busca na literatura; (3) seleção dos artigos; (4) extração dos dados; (5) avaliação da qualidade metodológica; (6) síntese dos dados (metanálise); (7) avaliação da qualidade das evidências; e (8) redação e publicação dos resultados. (Galvão; Pereira, 2014, p. 183).

Com a apropriação desses conceitos, realizamos o levantamento das obras. Escolhemos a base SciELO <sup>1</sup>Brasil, Portal de Periódicos da CAPES e a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, utilizando o operador booleano "AND", para pesquisar as palavras-chaves: "história da educação", "intelectual" e "imprensa".

Iniciamos pela SciELO Brasil, tendo na busca a palavra "história da educação" um total de 3158 artigos, ao acrescentarmos o operador e a palavra "intelectual", o número foi reduzido para 108. Contudo, quando inserimos o operador booleano e a palavra "imprensa", o resultado foi zero.

Foi possível observar que a maioria dos trabalhos elencados na base de dados está dentro da temática das Ciências Humanas. Dos 108 trabalhos que compreendem a string "história da educação" AND "intelectual", sendo publicados em sua maioria na Revista Brasileira de História e na Revista História da Educação, totalizando 26 e 20 respectivamente.

---

<sup>1</sup> Biblioteca virtual de revistas científicas brasileiras em formato eletrônico.

No portal de Periódicos da CAPES, buscamos da mesma forma, tendo como resultados: 40686 em "história da educação"; 934 AND "intelectual"; 0 (zero) AND "imprensa". Utilizando apenas "história da educação", obtivemos apenas 1 dissertação. Ao buscarmos pela palavra "intelectual", foram 4 dissertações, das quais apenas uma foi selecionada para compor a revisão.

Já na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, a busca teve os seguintes resultados: 1349 para "história da educação" AND "intelectual" e 190 para "história da educação" AND "imprensa" AND "intelectual". Das 190 pesquisas elencadas pela base, 99 são dissertações e 91 são teses.

Dessa forma, analisamos os títulos e os resumos com a finalidade de compor a revisão de literatura. Como forma de seleção, optamos por analisar o período de publicação, sendo o prazo de 10 anos, o resumo e ser uma pesquisa na área de História da Educação.

Após a apropriação dos dados, a tabela de categorização da revisão de literatura configurou-se da seguinte forma:

Quadro 1 - Levantamento dos trabalhos que falam sobre a história da educação e os intelectuais.

(continua)

<b>Trabalho selecionado</b>	<b>Título</b>	<b>Autor (es)</b>	<b>Ano da publicação</b>
Art - 1	Abdias Nascimento: a trajetória de um intelectual negro engajado na disseminação de saberes emancipatórios entre as décadas de 1920 e 1940	Carlos Eduardo Vieira, Fabiola Maciel Correa	2022
Art - 2	"Credores de minha estima": pretos e pardos na instrução pública e privada, no final do século XIX e início do século XX, em Cuiabá - MT	Paulo Sérgio Dutra	2022
Art - 3	Escravos, libertos, filhos de africanos livres, não livres, pretos, ingênuos: negros nas legislações educacionais do XIX	Surya Pombo de Barros	2016
Art - 4	Rastros do Cisne Preto: Lino Guedes, um escritor negro pelos jornais (1913-1969)	Mário Augusto Medeiros Silva	2017
Art - 5	Do sertão ao sul baiano: sociabilidade, circularidade e atuação do intelectual negro Deoclecio Silva (1889-1927)	Cristiane Batista da Silva Santos	2022

Quadro 2 - Levantamento dos trabalhos que falam sobre a história da educação e os intelectuais.

(conclusão)			
Art - 6	Contribuições de Jean-François Sirinelli à história dos intelectuais da educação	Claudia Alves	2019
Art - 7	Educação e trabalho; raça e classe no pensamento de um intelectual negro: Manuel Querino – Bahia (1870-1920)	Maria das Graças de Andrade Leal	2020
Art - 8	Portella, intelectual do nosso tempo (e de outros tempos)	Carlos Guilherme Mota	2013

Fonte: Autora (2024)

Dada à apropriação dos textos selecionados, começamos o trabalho de síntese e interpretação dos resultados. Embora, dois artigos tenham sido excluídos da revisão em virtude de terem a data de sua publicação há mais de dez anos, esses dois trabalhos serão utilizados no referencial bibliográfico, pois apresentam dados relevantes para a pesquisa.

Registramos que todos os trabalhos selecionados são fruto de uma análise criteriosa, com o intuito de melhor subsidiar a pesquisa em torno do campo intelectual, enriquecendo o conteúdo.

Quadro 3 - Levantamento dos trabalhos na base de periódicos da CAPES.

<b>Trabalho selecionado</b>	<b>Título</b>	<b>Autor (es)</b>	<b>Ano da publicação</b>
Dissertação - 1	“Nós não somos nada nesta vida”: identidade e atividade intelectual na obra de Lima Barreto	Jonas Crestani Lima	2019
Art - 9	Intelectuais negros entre o século XIX e início do XX: novas perspectivas para a história da educação brasileira	Surya Aaronovich Pombo de Barros	2021
Art - 10	Onde está Maria Beatriz Nascimento na história da Educação?: algumas reflexões sobre apagamentos e direito à memória	Rosineide Freitas	2021

Fonte: Autora (2024)

Na busca realizada na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, foram encontradas 1349 pesquisas, quando lançamos as palavras "história da educação"

AND "imprensa" e 190 pesquisas, quando acrescentamos o operador AND e a palavra "intelectual". Como forma de avaliar a aproximação com a nossa pesquisa, aplicamos os critérios tempo, título e resumo para selecionarmos as teses e dissertações que serão listadas a seguir:

Quadro 3 - Levantamento dos trabalhos na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações

<b>Trabalho selecionado</b>	<b>Título</b>	<b>Autor (es)</b>	<b>Ano da publicação</b>
Dissertação - 2	Manuel Bandeira nas cartas e nas crônicas: percurso literário e arte poética	Rosângela Batista Rangel	2014
Dissertação - 3	Figurações da intelectualidade no Brasil: a crônica de Lima Barreto	Francisco Huberlan Arruda de Oliveira	2013
Tese - 1	Apelles Porto Alegre (1850 – 1917): a trajetória de um intelectual mediador	Chéli Nunes Meira	2022

Fonte: Autora (2024)

## 2.2 Análise dos dados obtidos

Com base no conceito de intelectualidade adotado pelo Dicionário *Houaiss* (2004, p. 244), traz a palavra classificada como um substantivo feminino, descrita como “do intelecto”, “quem se dedica a atividades que requerem emprego intelectual considerável”, “que (m) domina um campo de conhecimento intelectual ou tem muita cultura geral”.

Dessa forma, selecionou-se o Artigo 1 que aborda a trajetória de Abdias do Nascimento, um homem negro, neto de escravizados que utilizou a Arte e a política como forma de disseminar movimentos sociais emancipatórios contra a discriminação racial. O espaço temporal utilizado na pesquisa compreende o período entre 1920 e 1940, por meio da análise de documentos como livros de memórias, publicações textuais e fotografias. Abdias dedicou-se a causas populares e utilizou-se do “Teatro Experimental do Negro” para disseminar saberes emancipatórios. Vieira e Correa recorreram a Koselleck (2006) e Vieira (2011) para fundamentar a pesquisa. O objetivo era compreender o processo de formação intelectual de Abdias do Nascimento.

Dutra (2022) pesquisou sobre a presença de alunos e professores negros em Cuiabá, nos anos de 1800, por meio da análise documental, utilizando de materiais como jornais, registros de recenseamento, relatórios de presidentes de província e de diretores de instrução pública. Nesse sentido, o Artigo 2 nos aproxima da ideia de como se deu a educação dos negros no período entre 1857-1911, no Mato Grosso.

Barros (2016), no Artigo 3, esclarece que os empecilhos para a escolarização negra no Brasil, seria devido à legislação, que no século XIX, proibia a matrícula e a frequência à escola, impedindo a população negra de frequentá-la. A pesquisa menciona que as mudanças na legislação alteram a denominação para as pessoas negras e que isso remete às permissões ou interdições em relação ao ingresso e permanência na instrução pública, durante o Império no Brasil. A pesquisa documental utilizou conjuntos de leis e regulamentos de instrução primária e secundária de nove províncias e de outras sete localidades, concluindo que “o ordenamento legal e educacional ilumina a história da educação no que se refere à presença/ausência negra na escola pública do período Imperial no Brasil”, Barros (2016, p. 591).

O artigo 4 traça a trajetória do intelectual Lino Guedes por meio de sua atuação na imprensa paulista, estabelecendo um paralelo com João Thiago do Patrocínio, que também se destacou no jornalismo, mas no cenário gaúcho. Ambos compartilharam não apenas a mesma profissão, mas também viveram no mesmo período, o que torna a comparação entre suas trajetórias especialmente relevante para um estudo biográfico.

Já o artigo 5 versa sobre aspectos da intelectualidade de Deoclecio Silva e sua trajetória junto a professores negros invisibilizados, na Bahia, com o objetivo de discorrer acerca do protagonismo do personagem. O recorte temporal assemelha-se à pesquisa sobre Lino Guedes e ao projeto sobre Patrocínio.

O artigo 6 traz a pesquisa sobre as contribuições de Jean-François Sirinelli para o estudo sobre os intelectuais, bem como identificando as relações com trabalhos na área de História da Educação no Brasil. Neste artigo, a autora considera que "são apresentadas as categorias de itinerário intelectual, rede de sociabilidade e geração intelectual, na relação de cultura política" (Alves, 2019, p. 7).

Leal, no artigo 7, aponta sobre educação e trabalho a partir das obras do professor Manuel Querino, utilizando-se de documentos para retratar o período escravagista e pós-abolicionista no Brasil, bem como as condições de exclusão vivenciadas por negros e mestiços em processo de escolarização.

Já no artigo 8, Mota disserta sobre a obra do professor e ensaísta Eduardo Portella, abordando os cargos aos quais esteve à frente e a fundação do Colégio do Brasil, assim como a Revista Tempo Brasileiro.

Barros discute, no artigo 9, sobre "a presença de homens negros no cenário intelectual brasileiro", entre o século XIX e XX, utilizando-se de fontes que contam a trajetória de homens negros na Paraíba do Norte, ressaltando a necessidade de expandir os estudos acerca desse tema.

Freitas apresenta, no artigo 10, reflete sobre a importância das intelectuais negras para as pesquisas na área da História da Educação, utilizando-se da trajetória da historiadora e intelectual Maria Beatriz Nascimento. Nesse estudo alarga o discurso sobre as produções da autora e seus arquivos pessoais, sugerindo que outros pesquisadores se dediquem a análise dessas fontes.

Podemos descrever o trabalho intitulado "*Nós não somos nada nesta vida*": *identidade e atividade intelectual na obra de Lima Barreto*, como um meio de valorizar o trabalho do autor e sua relevância enquanto negro intelectual brasileiro. A pesquisa revela a invisibilidade do escritor e o resgate de sua obra através do trabalho de Francisco de Assis Barbosa e colaboradores. O propósito da pesquisa é dar visibilidade ao escritor Lima Barreto e trazer sua obra para o cenário nacional.

Todos os trabalhos selecionados trazem abordagens significativas para a pesquisa, corroborando para que se fortaleçam ideais sobre a intelectualidade negra, a invisibilidade ou o branqueamento que alguns precisaram sofrer para se manterem ativos em uma sociedade que valoriza tudo o que a colonialidade educou. Para tanto, continuamos a investigar sobre tais temas através do referencial teórico. Desse modo, o levantamento de dados foi categorizado e deu origem seguinte tabela:

Quadro 4 - Categorização dos trabalhos selecionados.

Tema	Gênero	Quantidade
História da educação	Artigos	4
	Dissertações	1
	Teses	0
Intelectuais	Artigos	5
	Dissertações	2
	Teses	1
Imprensa	Artigos	1
	Dissertações	1
	Teses	0

Fonte: Autora (2024)

A dissertação 2 aponta o percurso de estudo de Rangel (2014) sobre Manuel Bandeira, pela ótica da biografia e a literatura. Ela utilizou como fontes as correspondências e textos publicados na imprensa. A autora considera que "A correspondência com Mário de Andrade adquire relevo na produção intelectual de Manuel Bandeira, pois ela possibilita um maior entendimento do poeta a partir de sua escrita de si, assim como permite observar a preocupação do escritor com a memória da cultura brasileira."

Oliveira (2013), analisa aspectos da intelectualidade por meio da obra de Lima Barreto e os motivos de ter sido rejeitado em seu tempo. Ele elaborou uma dissertação em torno da análise das produções, divergindo dos modelos elencados por Gramsci e o eurocentrismo, evidenciando o perfil utópico de Lima Barreto e caracterizando-o como um "intelectual de resistência".

A tese de Chéli Meira é uma pesquisa sobre o intelectual mediador Apelles Porto Alegre, que retrata a relevância de sua atuação por meio da micro-história e tendo como referencial estudos sobre o que é um intelectual mediador e a imprensa. Dessa maneira, concluiu que a atuação do mesmo ao "comunicar seu saber", assim "recebeu o reconhecimento de seus alunos".

Ao final do processo de revisão, concluímos que o levantamento bibliográfico reúne trabalhos de diferentes autores, contemplando os descritores que se tornarão palavras-chave da pesquisa. Nesse sentido, pode-se dizer que as pesquisas de Vieira e Correa (2022) e Lima (2019) corroboram para a compreensão da formação intelectual de pessoas negras, enquanto Dutra (2022) e Barros (2016) trazem à tona como se deu o processo de regulamentação dos direitos da população negra à

educação formal. Já Lima, Oliveira e Silva apontam as lutas do povo negro em busca de ter voz e vez em uma sociedade ainda dominada pela eugenia.

Todos os trabalhos selecionados relacionam-se com os estudos biográficos em torno de João Thiago do Patrocínio, colaborando para a compreensão dos períodos históricos e a formação do intelectual negro. Dessa forma, reforçam a intenção em disseminar a educação de negros e negros no Brasil no início do século XX, evidenciando a colaboração desses na cultura em nosso país.

### **3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

#### **3.1 O cenário educacional de Bagé/RS no início do século XX**

A fim de compreendermos os processos educativos no início do século XX, é necessário refletir sobre os anos finais do século XIX. Para tanto, Saviani (2007, p. 150) sinaliza que o período entre 1890-1930 é caracterizado pela institucionalização do ensino primário nos estados, por meio da criação de grupos escolares, orientada pelos valores do iluminismo republicano. Contudo, o crescimento dos grupos escolares em massa só se deu a partir dos anos 1970.

Bica (2013, p. 160) destaca que, na década de 1910, em Bagé/RS, havia uma evidente carência de políticas públicas voltadas à educação, bem como a insuficiência das aulas oferecidas pelo município. Em contrapartida, observava-se a continuidade da atuação da iniciativa privada no campo educacional. O autor apresenta dados do Relatório da Intendência que evidenciam essa realidade: as instituições privadas concentravam 66% da frequência estudantil, atendendo 965 alunos, enquanto as aulas públicas correspondiam a apenas 34%, com um total de 491 alunos.

Em relação à frequência escolar no ano de 1914, Bica (2013, p. 168) informa a existência de 15 escolas privadas em funcionamento, todas ofertando o ensino primário, sendo que apenas oito também disponibilizavam o ensino secundário. Quanto à organização por gênero, oito escolas eram mistas, quatro atendiam exclusivamente meninas e três eram destinadas apenas a meninos. Dentre as instituições citadas pelo autor, destaca-se o Ginásio Auxiliadora, reconhecido por ter sido a base da formação educacional de João Thiago do Patrocínio.

A instituição integra a rede de instituições vinculadas ao grupo salesiano, criado pelo padre italiano Dom Bosco, cuja proposta original estava voltada ao atendimento de jovens marginalizados, órfãos, pobres e em situação de vulnerabilidade social. Essa iniciativa se alinhava aos ideais do projeto moderno de democratização do acesso à educação nas cidades brasileiras.

De acordo com Lima e Góis Junior (2018, p. 5), nas primeiras décadas do século XX, a Ordem Salesiana já se consolidava como um dos principais sistemas educacionais atuantes no Brasil, frequentemente contando com o apoio do Estado, por meio de subsídios, para financiar seu projeto expansionista. Sua inserção no cenário educacional não se restringia apenas ao atendimento de populações

vulneráveis — como indicava sua proposta original —, mas também à capacidade estratégica de dialogar com os ideais modernos de civilidade, progresso e normatização dos corpos juvenis.

Nesse sentido, a instituição se destacava não apenas pelas práticas pedagógicas, mas também por sua habilidade em apropriar-se de discursos modernos, como os que envolviam a disciplina corporal, a higiene e a moral cristã, a fim de atrair os estratos mais elevados da sociedade. Tal articulação revela a complexa negociação entre tradição religiosa e modernidade, permitindo à Ordem ocupar uma posição de destaque no campo educacional brasileiro e exercer influência tanto sobre os projetos de formação da juventude quanto sobre os valores sociais das elites urbanas.

De acordo com Martins (2004, p. 30), em Bagé/RS, nas primeiras décadas do século XX, havia uma demanda crescente por uma instituição de ensino voltada ao público masculino que oferecesse formação em nível ginasial. Tal demanda estava diretamente relacionada à ausência, na cidade, de instituições que garantissem a continuidade dos estudos, o que levava muitos jovens a se deslocarem para as capitais em busca de escolarização. Esse movimento gerava um afastamento precoce do convívio familiar, algo que preocupava setores da sociedade local.

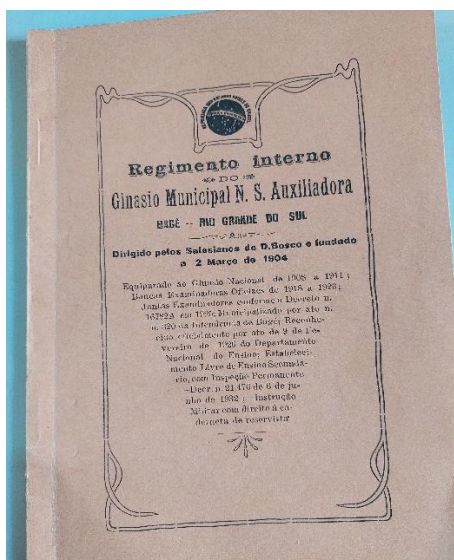
Nesse contexto, a criação de uma escola que possibilitasse a permanência dos estudantes na cidade atendia não apenas a uma carência educacional, mas também a um ideal de fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários. A viabilização desse projeto contou com a atuação do Cônego João Ignácio de Bittencourt, que, em 1904, acolheu os primeiros salesianos na casa paroquial, oferecendo suporte temporário até que o edifício da futura instituição fosse concluído.

A chegada dos salesianos, portanto, não apenas respondia a uma necessidade educacional local, mas também representava um movimento estratégico de interiorização da educação confessional e de reafirmação da presença da Igreja no processo formativo da juventude.

O acervo documental do Ginásio Auxiliadora, preservado no Museu Dom Diogo de Souza, constitui uma importante fonte para compreender o funcionamento da educação oferecida por essa instituição no início do século XX. Entre os materiais disponíveis, destacam-se os livros normativos, os registros comemorativos dos 50 e 100 anos da escola e os estatutos internos — documentos que não apenas

regulamentavam as práticas escolares, mas também revelam aspectos socioculturais e econômicos do período.

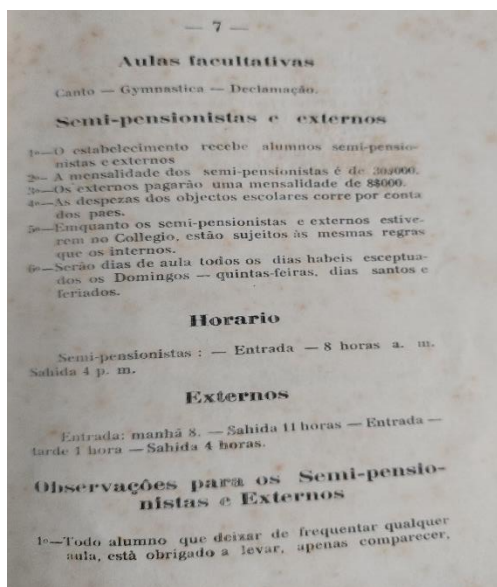
Figura 4 - Regimento Interno do Ginásio Auxiliadora (1904)



Fonte: Acervo do Museu Dom Diogo de Souza (2023)

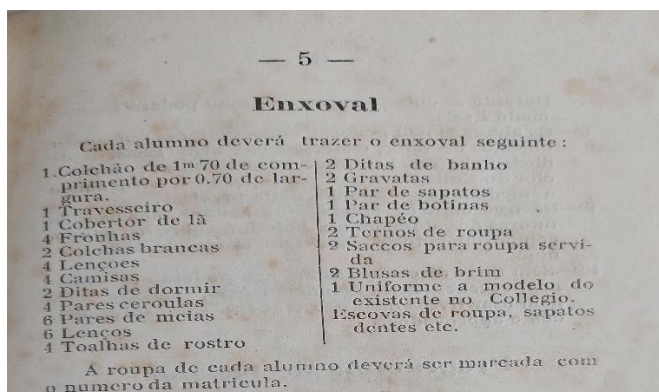
A análise desses registros permite identificar a existência de diferentes regimes de ensino — internato, semi-internato e externato — e demonstra que a permanência dos estudantes estava condicionada a exigências materiais previstas em regimento, como a aquisição de um enxoval completo. Tal exigência, embora de natureza prática, evidenciava também a seleção social implícita no acesso à instituição, já que apenas famílias com condições financeiras poderiam cumprir integralmente essas obrigações.

Figura 5 - Formas de permanência no Ginásio (1904, p. 7)



Fonte: Acervo do Museu Dom Diogo de Souza (2023)

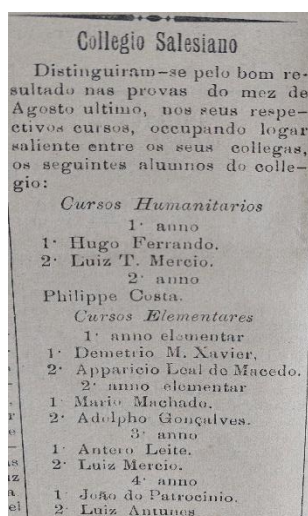
Figura 6 - Enxoval para os estudantes (1904, p. 5)



Fonte: Acervo do Museu Dom Diogo de Souza (2023)

Além disso, os documentos mostram que havia um sistema de reconhecimento do mérito acadêmico, no qual os estudantes que se destacavam nos estudos recebiam visibilidade por meio de publicações no jornal O Dever e em livros de registro mantidos pela escola. Esse tipo de divulgação não apenas legitimava os saberes ensinados, mas também reforçava o prestígio da instituição e a construção simbólica da excelência escolar, criando distinções entre os alunos com base no desempenho e na visibilidade pública que alcançavam.

Figura 7 - Homenagem aos alunos (O Dever, 02 de setembro de 1905, p. 1)



Fonte: Acervo do Museu Dom Diogo de Souza (2023)

A análise de fotografias presentes nos livros comemorativos do Ginásio Auxiliadora revelou elementos significativos acerca do perfil dos estudantes atendidos pela instituição. Longe de serem meros registros ilustrativos, essas imagens funcionam como fontes históricas que permitem interpretar os contextos sociais e culturais do período. Por meio das cenas cotidianas, solenidades escolares e retratos coletivos, é possível identificar traços da composição social dos alunos — como vestimentas, posturas, e até mesmo ausências que apontam para desigualdades étnico-raciais e de classe.

Esses registros visuais sugerem que o público atendido pelo colégio era majoritariamente branco e de origem social favorecida, o que reforça a seletividade do acesso à educação formal naquele momento histórico. As fotografias, portanto, não apenas documentam a vida escolar, mas também refletem os limites de inclusão educacional em uma sociedade marcada por hierarquias sociais e raciais. Assim, ao serem analisadas criticamente, elas se tornam instrumentos valiosos para compreender como se estruturavam as relações sociais no ambiente educacional e quais grupos efetivamente tinham acesso aos espaços de prestígio e formação intelectual.

Vidal e Abdala (2005, p. 178) argumentam que a fotografia, enquanto documento histórico, extrapola seu valor estético, funcionando como uma ferramenta

poderosa na reconstrução da memória. Para os autores, a imagem fotográfica tem o potencial de aproximar o observador de uma realidade passada, não apenas pela estética visual, mas pela capacidade de evocar elementos concretos da vivência social, transportando-nos a outras temporalidades e contextos. A fotografia, nesse sentido, torna-se uma janela para o passado, revelando nuances da experiência educativa e social de um determinado período.

Com base nesse referencial, é possível inferir que o acesso à educação no Ginásio Auxiliadora não era amplamente democrático ou acessível a todas as camadas sociais. Embora Bica (2009, p. 283) afirme que a escola atendia tanto "os filhos de fazendeiros quanto o povo em geral", é importante destacar que essa abrangência estava condicionada à capacidade de custear as despesas escolares. Assim, a instituição tendia a acolher majoritariamente estudantes provenientes de famílias com alguma estabilidade econômica, o que reflete as limitações do acesso à educação formal para os setores mais empobrecidos da sociedade naquele contexto histórico.

Portanto, a análise das imagens, aliada aos dados bibliográficos consultados, evidencia uma realidade educacional marcada pela seletividade, em que o capital financeiro desempenhava papel central na mediação do acesso à escolarização. Embora se identifiquem nuances de diversidade social entre os estudantes — especialmente nos regimes de externato, semi-internato e internato —, os registros apontam que a permanência e a participação plena na vida escolar estavam condicionadas à capacidade econômica das famílias.

Essa constatação revela que, mesmo em instituições de ensino associadas a discursos de formação moral e intelectual para todos, como o Ginásio Auxiliadora, o acesso efetivo continuava restrito por barreiras socioeconômicas. Assim, a escola, longe de ser um espaço neutro de inclusão, refletia as desigualdades sociais mais amplas, funcionando, muitas vezes, como um mecanismo de reprodução das hierarquias vigentes.

Figura 8 - Livro de 50 anos do Ginásio Auxiliadora (1954)



Fonte: Acervo do Museu Dom Diogo de Souza (2023)

Na fotografia analisada, que retrata uma turma de primeira comunhão ao lado do padre Érico Schmengler, é possível perceber um aspecto significativo: a predominância de crianças brancas entre os alunos. Embora esse dado possa parecer discreto à primeira vista, ele revela elementos importantes sobre o perfil racial e social dos estudantes atendidos pelo Ginásio Auxiliadora na época. A presença majoritária de crianças brancas sugere que o acesso à instituição estava condicionado a determinados critérios sociais, especialmente relacionados à posição econômica e ao pertencimento étnico.

Esse recorte visual reforça a compreensão de que, mesmo em ambientes escolares voltados à formação religiosa e moral, as desigualdades estruturais da sociedade brasileira estavam presentes, naturalizando a exclusão de sujeitos negros e pobres dos espaços formais de educação. A imagem, portanto, não apenas registra um momento cerimonial, mas atua como documento histórico que materializa as dinâmicas de inclusão e exclusão vigentes no início do século XX.

A composição homogênea da turma retratada na fotografia — marcada pela ausência de crianças negras — evidencia a permanência de barreiras estruturais que, mesmo após a abolição formal da escravidão, continuaram a restringir o acesso da população negra às instituições de ensino. Essa leitura encontra respaldo nos estudos de Gonçalves e Silva (2000), que apontam para a forma como o racismo estrutural, herdado do regime escravocrata, perpetuou mecanismos excludentes no campo educacional ao longo das primeiras décadas do século XX. Nesse sentido, a imagem

transcende seu valor comemorativo ou documental e revela camadas profundas de desigualdade racial que permeavam o cotidiano escolar.

A análise da fotografia, portanto, permite interpretá-la não apenas como registro de um rito religioso ou escolar, mas como uma fonte visual crítica, reveladora das hierarquias sociais e raciais de seu tempo. O que à primeira vista pode parecer uma cena trivial de integração escolar revela, na verdade, um quadro de seletividade no acesso ao ensino, em que a exclusão de sujeitos negros é parte do projeto silencioso de manutenção de privilégios e distâncias sociais. Trata-se, assim, de uma evidência material da persistência das estruturas de desigualdade que moldaram — e ainda moldam — a trajetória da educação brasileira.

Nesse sentido, a fotografia atua como um testemunho silencioso das barreiras enfrentadas por determinados grupos sociais — sobretudo a população negra — para ingressar e permanecer nas instituições de ensino. Ela oferece, assim, subsídios para a análise das estruturas de poder e dos mecanismos de distinção presentes no ambiente escolar, contribuindo para o debate sobre a democratização da educação e a necessidade de reconhecer as memórias silenciadas nos processos de formação social e cultural.

Figura 9 - Alunos de religião com o Monsenhor Costábile Hippolyto (1954)

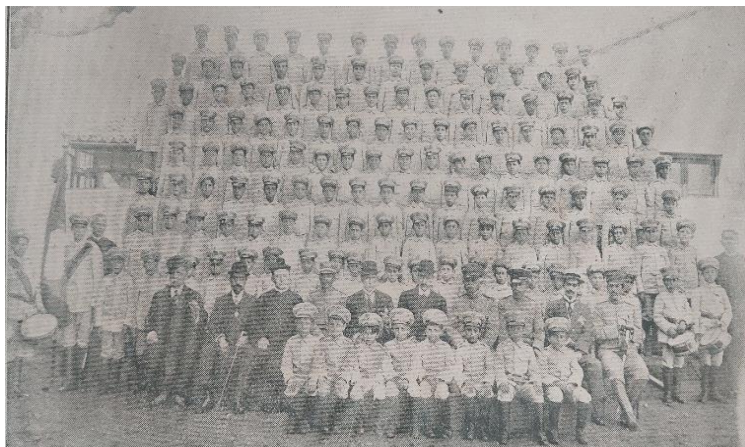


Fonte: Acervo do Museu Dom Diogo de Souza (2023)

Apesar do desgaste provocado pelo tempo e da perda de nitidez da impressão, a fotografia ainda permite observar um dado significativo: a presença reduzida de alunos negros entre os estudantes que se destacaram nas avaliações da disciplina de Religião. A imagem, mesmo deteriorada, revela que os estudantes negros compunham uma minoria expressiva no contexto retratado, o que corrobora as evidências históricas de exclusão racial no acesso à educação formal.

Essa disparidade ilustra a permanência de um sistema educacional seletivo, em que o reconhecimento escolar – como o destaque acadêmico – era mais frequentemente atribuído a crianças brancas, o que reflete os privilégios sociais de determinados grupos raciais. A representação visual, portanto, não apenas documenta a realidade educacional da época, mas também serve como instrumento analítico para compreender as desigualdades persistentes que marcaram a trajetória escolar de alunos negros no Brasil.

Figura 10 - Batalhão Gymnasial com autoridades civis e militares, representantes da imprensa e colaboradores salesianos



Fonte: Acervo do Museu Dom Diogo de Souza (2023)

As fotografias presentes nos livros comemorativos do Ginásio Auxiliadora oferecem um olhar revelador sobre a composição social do seu corpo discente, evidenciando um padrão visual recorrente em que predominam crianças brancas. Essa predominância sugere que, apesar da escola estar formalmente acessível à população em geral, na prática ela atendia sobretudo aos filhos das elites locais, privilegiando aqueles com maior capital econômico.

Tal entendimento encontra respaldo na análise de Bica (2009, p. 283), que destaca que o ginásio recebia “filhos de fazendeiros e o povo em geral”, desde que estes dispusessem de recursos financeiros para arcar com os custos dos estudos. Assim, as imagens corroboram a ideia de que o acesso à educação formal naquela época era permeado por condições socioeconômicas que restringiam a participação plena de diferentes grupos sociais, evidenciando uma seletividade que refletia as desigualdades estruturais do período.

Após a conclusão do ensino ginásial, era comum que alguns estudantes migrassem para Porto Alegre em busca de formação superior. Contudo, como observa Devincenzi (2013, p. 198), o ensino superior no Rio Grande do Sul, até o final do século XIX, ainda não possuía uma tradição consolidada. À exceção da Escola Militar, fundada em 1872 com a finalidade de formar oficiais para o Exército, foi apenas a partir de 1895 que começaram a surgir instituições civis voltadas à formação técnica e científica, com destaque para as áreas da saúde.

Nesse cenário, a criação da Escola de Farmácia em 1897 representou um avanço significativo. Idealizada por farmacêuticos e donos de drogarias da capital, sua fundação respondeu a uma demanda crescente por profissionais qualificados. Ainda em 1897, o Hospital da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre passou a oferecer o Curso de Partos, reforçando a tendência de institucionalização da formação na área da saúde. Tais esforços culminaram, em 25 de julho de 1898, na criação da Faculdade de Medicina e Farmácia de Porto Alegre (FMPA). A fundação da instituição, decidida em reunião realizada na secretaria da Escola de Farmácia, contou com a presença de treze profissionais da área, entre eles nomes como Deoclécio Pereira, Protásio Alves e Christiano Fischer (A Federação, 1898).

A criação da FMPA não apenas marcou o início do ensino superior civil em Porto Alegre, como também evidenciou a mobilização de atores locais na construção de um projeto educacional próprio, voltado às necessidades regionais. Em um período em que o ensino superior brasileiro estava fortemente concentrado nos estados do Sudeste, esse movimento pode ser interpretado como expressão de autonomia e afirmação do campo científico no Sul do país.

Nesse contexto, a trajetória de João Thiago do Patrocínio adquire contornos ainda mais significativos. Como homem negro, formado em uma instituição salesiana e posteriormente ingressante no curso de Medicina, sua história revela as tensões e contradições de um sistema educacional seletivo e excludente. A partir da análise de

Gil e Antunes (2021, p. 4), compreende-se que, embora de maneira extremamente limitada e invisibilizada, indivíduos negros acessaram processos de alfabetização, muitas vezes por meio de aulas particulares ou ações isoladas de resistência.

Esses casos, embora pontuais, indicam que mesmo em meio às restrições impostas pelo racismo estrutural, algumas pessoas negras conseguiram driblar os mecanismos institucionais de exclusão. Perussato (2021, p. 426) reforça essa leitura ao destacar que, mesmo sem acesso regular à escola, alguns sujeitos negros encontraram formas alternativas de adquirir a escrita e a leitura, desafiando o lugar que lhes fora historicamente reservado.

A formação de João Thiago, portanto, não deve ser compreendida como um simples percurso individual de sucesso, mas como parte de um movimento maior de resistência simbólica frente às desigualdades raciais. Sua trajetória expõe as brechas de um sistema educacional que, embora aparentemente republicano, reproduzia lógicas hierarquizantes e racializadas. Conforme argumenta Gonçalves e Silva (2000), a abolição da escravatura não representou a inclusão efetiva da população negra nas estruturas formais da cidadania; ao contrário, consolidou-se um modelo de exclusão social, no qual o acesso à escolarização foi relegado ao plano do mérito individual, ignorando as profundas desigualdades estruturais que o país acumulava.

Dessa forma, a análise da presença de sujeitos como Patrocínio na educação formal — e, mais ainda, no ensino superior — permite lançar luz sobre as fissuras de um sistema que privilegiava poucos e excluía muitos. Seu percurso é, portanto, exemplar não apenas por sua conquista acadêmica, mas também por desafiar um modelo de educação profundamente racializado e excludente, cujas marcas ainda persistem no Brasil contemporâneo.

### **3.2 História da educação e a imprensa**

Segundo Cruz (2005, p. 21), a produção bibliográfica sobre a educação de pessoas negras no Brasil apresenta significativa escassez de informações relativas ao período anterior à década de 1960, marco da ampliação da oferta de educação pública no país. Essa ausência de registros, conforme o autor, não se deve à inexistência de experiências educacionais entre a população negra, mas sim ao apagamento sistemático de suas histórias por meio dos mecanismos de dominação.

Como o próprio Cruz afirma, “a problemática da carência de abordagens históricas sobre as trajetórias educacionais dos negros no Brasil revela que não são os povos que não têm história, mas há os povos cujas fontes históricas, ao invés de serem conservadas, foram destruídas nos processos de dominação” (Cruz, 2005, p. 23).

Essa perspectiva aponta para a necessidade de revisar os modos como a história da educação tem sido narrada, dando visibilidade às experiências historicamente marginalizadas. A ausência de registros formais não indica ausência de práticas educativas, mas evidencia uma seletividade na preservação da memória histórica, reforçando a invisibilização das contribuições negras para os processos de construção do conhecimento no Brasil.

A análise de Santos (2009, p. 86) sobre a imprensa negra evidencia seu papel multifuncional como veículo de comunicação, instrumento de educação, meio de informação e espaço de protesto. Esses periódicos, surgidos ainda no final do século XIX, cumpriam uma função essencial na formação de uma consciência coletiva negra no contexto pós-abolicionista. Para além da denúncia das desigualdades raciais e sociais, esses jornais buscavam oferecer referências culturais e identitárias que contribuíssem para a construção de um novo imaginário social sobre a população negra, historicamente silenciada.

Com a Proclamação da República, em 1889, a educação passou a ser vista como um dos pilares da nova ordem política, conforme apontam Bottoni, Sardano e Costa Filho (2013). O modelo federativo descentralizado permitiu que os estados redigissem suas próprias Constituições, o que favoreceu a autonomia administrativa e estimulou investimentos em setores considerados estratégicos, como a educação. No entanto, esse processo não garantiu igualdade de acesso ao ensino formal para todos os grupos sociais.

De acordo com Gonçalves e Silva (2000), o início do século XX ainda era marcado por fortes resquícios do passado escravocrata. A população negra, recém-liberta, continuava excluída dos sistemas educacionais formais e das políticas públicas de inclusão. As barreiras estruturais impostas pela desigualdade social e racial limitavam o acesso à escolarização, restringindo também as possibilidades de ascensão social.

Paralelamente, o avanço da industrialização e a reconfiguração das cidades impulsionaram transformações no mercado de trabalho e nas formas de organização social. A partir desses processos, surgiram movimentos que passaram a reivindicar

direitos e a desafiar os paradigmas excludentes até então vigentes. Ainda assim, a alfabetização formal para grande parte da população negra só se tornou realidade tardiamente, muitas vezes na fase adulta, já que desde a infância muitos eram inseridos precocemente no mercado de trabalho como única forma de sustento.

Veiga (2016, p. 273) reforça esse cenário ao apontar a ausência de dados estatísticos mais precisos sobre a presença de crianças negras nas escolas públicas durante as primeiras décadas republicanas. No entanto, as fontes visuais da época, como fotografias escolares e registros iconográficos, revelam uma predominância marcante de alunos brancos. Essa representação visual reforça a exclusão estrutural da população negra dos espaços de formação escolar, denunciando, ainda que de forma indireta, o racismo institucional presente nas práticas educacionais do período.

No contexto do século XIX, essa marginalização era ainda mais acentuada, sobretudo no Rio Grande do Sul, onde dispositivos legais restringiam ou mesmo proibiam o acesso de pessoas negras às instituições formais de ensino. Essa exclusão institucionalizada não apenas reforçava as desigualdades educacionais, mas também limitava o acesso da população negra aos saberes legitimados socialmente e, conseqüentemente, à mobilidade social.

Santos (2004) enfatiza que as dificuldades enfrentadas pela população negra no campo educacional não se encerraram com o fim do regime escravocrata. Ao contrário, persistem ao longo da história, refletindo-se nas desigualdades estruturais que atravessam o presente. Essa continuidade histórica de exclusão evidencia o caráter estrutural do racismo no Brasil e impõe a necessidade de políticas reparadoras que enfrentem as raízes profundas da desigualdade racial no acesso à educação.

As dificuldades no acesso à educação formal, os limites legais impostos à organização social e as fronteiras raciais e econômicas reafirmadas no convívio em sociedade, que restringiram as possibilidades de ascensão social dos negros desde o período da escravidão, são omitidas ou minimizadas nos jornais, revistas e telenovelas. (Santos, 2004, p. 84)

Conforme Santos (2009, p. 86), a imprensa negra compreende os jornais publicados a partir do final do século XIX, com o objetivo de criar espaços voltados à comunicação, informação, educação e protesto da comunidade negra. A emergência desses periódicos está vinculada à formação de grupos organizados que buscavam fortalecer-se social e politicamente diante da exclusão histórica. Ainda segundo o

autor, "naquele período, as páginas dos jornais vinham recheadas de discursos reivindicativos e pedagógicos; as preocupações maiores eram com o ordenamento familiar e a formação profissional dos egressos da senzala", indicando o caráter educativo e moralizador que permeava os discursos da época.

Silva (2018, p. 338) aprofunda essa discussão ao examinar a atuação da imprensa negra em Bagé, no Rio Grande do Sul, durante a década de 1920. Sua análise evidencia como os jornais produzidos por e para a população negra não apenas denunciavam as desigualdades sociais e raciais, mas também enfatizavam a educação como ferramenta essencial de emancipação. A alfabetização era apresentada como um recurso estratégico na busca por melhores condições de vida, inserindo-se como uma das principais demandas dos movimentos sociais negros da época. Essa valorização do saber letrado reforça a centralidade da escola e do acesso ao conhecimento na construção de trajetórias de resistência e afirmação identitária em um contexto marcado pela exclusão.

Além dos periódicos, Silva menciona a atuação de grupos culturais, como companhias dramáticas, blocos carnavalescos e ligas de futebol, que reuniam pessoas negras em iniciativas voltadas a moldar condutas e reforçar valores socialmente respeitáveis. Essas práticas buscavam apresentar à sociedade uma imagem de respeitabilidade e disciplina, contribuindo para a construção de uma identidade coletiva que reivindicava inclusão e reconhecimento.

Nesse cenário, torna-se evidente que a imprensa negra desempenhou um papel estratégico na formulação e divulgação de projetos de ascensão social voltados à população negra. Esses projetos, muitas vezes, estavam vinculados à ideia de um "embranquecimento simbólico", entendido como a incorporação de práticas, valores e comportamentos considerados adequados aos padrões das elites brancas da época. Tal estratégia, embora carregada de contradições, refletia os caminhos possíveis de resistência e inserção social em um contexto fortemente excludente.

Guimarães (2004, p. 271) contribui para essa compreensão ao argumentar que o embranquecimento deve ser interpretado como um processo de assimilação gradual e sistemática. Nesse processo, sujeitos negros — especialmente aqueles ligados à vida intelectual — eram incorporados às esferas de prestígio social, desde que se moldassem às normas socioculturais hegemônicas. Assim, o embranquecimento não

era apenas um ideal estético ou racial, mas também um mecanismo simbólico e cultural de mediação entre a exclusão histórica e a busca por reconhecimento social.

A luta da população negra, portanto, não se restringiu à conquista da liberdade formal após a abolição, mas envolveu também a reconstrução simbólica de sua imagem social, em um esforço para superar a invisibilidade e o estigma herdado do período escravocrata. Nesse processo, a imprensa desempenhou papel crucial ao registrar memórias, promover reflexões e valorizar a produção intelectual negra, conforme destaca Perussato (2021, p. 430).

No cenário do Rio Grande do Sul, a imprensa negra desempenhou um papel fundamental na promoção de avanços no campo educacional e na ampliação da visibilidade racial. Apesar dessas conquistas históricas, a plena equidade entre negros e brancos ainda se configura como um desafio atual, o que evidencia a urgência de políticas públicas eficazes, aliadas a um esforço coletivo da sociedade civil para fomentar uma educação genuinamente antirracista e inclusiva.

Dessa forma, a imprensa negra consolidou-se como uma importante ferramenta de resistência simbólica e política. Ao questionar e enfrentar as estruturas de exclusão social, esses veículos buscavam reabilitar a imagem do negro na sociedade brasileira, profundamente marcada pelas sequelas do passado escravocrata. Conforme destacado por diversos autores, o caráter reivindicativo desses jornais estava intrinsecamente ligado a uma dimensão pedagógica, que ia além do simples acesso ao conhecimento formal, visando a construção de uma cidadania plena, reconhecida e respeitada.

Em síntese, ao criar espaços próprios de expressão e debate, a imprensa negra contribuiu para a construção de um protagonismo intelectual negro, sendo um dos primeiros meios estruturados em que a população afrodescendente pôde exercer sua autonomia discursiva. É nesse sentido que a citação de Santos se mostra fundamental para compreender o papel histórico e social da imprensa negra como agente ativo na luta por direitos, reconhecimento e justiça social no Brasil.

Pasquini e Toledo (2014, p. 262) destacam que o estudo da imprensa brasileira tem contribuído significativamente para a construção de um panorama detalhado dos fatos e acontecimentos da história nacional. Isso ocorre porque a imprensa registra os discursos e ações dos indivíduos envolvidos na formação da nação, evidenciando os

interesses conflitantes dos diversos grupos sociais que disputam o controle do poder político e econômico no Brasil.

O argumento central de Pasquini e Toledo evidencia que a imprensa brasileira não é apenas um meio de comunicação, mas um repositório vivo e dinâmico da história nacional, capaz de revelar as tensões e disputas entre os grupos sociais. Ao imprimir discursos variados, ela expõe as múltiplas vozes e interesses que compõem o tecido político e econômico do país.

Dessa forma, o estudo da imprensa torna-se indispensável para compreender não apenas os eventos históricos em si, mas também as forças sociais que os moldam, oferecendo uma perspectiva mais complexa e realista sobre a construção do Brasil. Portanto, analisar os jornais e outras publicações é fundamental para captar as nuances das relações de poder e as estratégias utilizadas pelos diferentes atores na luta pelo protagonismo social e político.

Educação e imprensa, dois elementos aparentemente desvinculados, mas que se revelam como unidades estruturais que possibilitam a análise de diferentes grupos representantes de determinadas forças de poder, sejam elas expressas nas questões políticas, religiosas ou educacionais. Nesse sentido não se pode pensar em educação sem antes considerar sua ação como um processo de “não neutralidade”, ou seja, toda e qualquer atitude educativa institucionalizada ou não, possui uma intencionalidade, e de certo modo responde direta ou indiretamente ao seguinte questionamento: Que tipo de homem pretende-se formar? O homem é um ser social e, são consideradas as condições materiais em que vive, que se encontram as bases para suas relações tanto material quanto cultural. Pode-se então, afirmar que no ato de fazer a história o homem, numa relação dialética, também, é feito por ela. (Pasquini; Toledo, 2014, p. 265)

A citação de Pasquini e Toledo (2014, p. 265) traz uma reflexão contundente sobre a interdependência entre educação e imprensa, apontando que, embora à primeira vista possam parecer campos distintos, ambos atuam como estruturas fundamentais na configuração da sociedade. A imprensa, como veículo de informação, e a educação, como processo formativo, cumprem papéis estratégicos na construção de narrativas, valores e modelos de comportamento que, em última instância, moldam os sujeitos e os contextos em que estão inseridos.

Ao afirmar que toda prática educativa é intencional e, portanto, não neutra, os autores enfatizam que a educação, seja formal ou informal, responde a interesses específicos e está vinculada a projetos de sociedade. A pergunta “que tipo de homem se pretende formar?”, revela justamente a dimensão política da educação: formar

sujeitos não é apenas transmitir conteúdos, mas também fomentar visões de mundo, modos de agir e posicionamentos diante da realidade social.

Essa concepção se conecta à perspectiva materialista da história, que considera o homem como ser social determinado pelas condições concretas em que vive. Assim, tanto a imprensa quanto a educação são agentes históricos e ideológicos que participam do processo de formação do indivíduo e, ao mesmo tempo, são moldados pelas dinâmicas históricas e pelas lutas sociais. Nessa relação dialética, a sociedade transforma o homem, e este, por sua ação consciente, transforma a sociedade.

Portanto, compreender o papel da imprensa e da educação exige reconhecer seus vínculos com projetos políticos e interesses de classe, bem como seu poder de influenciar o debate público, moldar identidades e sustentar (ou contestar) estruturas de poder vigentes.

### **3.3 Estudos acerca do fazer intelectual**

Panizzolo (2011, p. 76) destaca que a História Intelectual volta seu olhar para dois aspectos interligados: o funcionamento do campo intelectual, que envolve suas práticas, normas de legitimação, habitus e estratégias, e, simultaneamente, as particularidades do contexto histórico em que os intelectuais atuam, incluindo suas formas de inserção social. Essa abordagem permite compreender tanto as estruturas que organizam o campo intelectual quanto as dinâmicas históricas que moldam suas ações e posicionamentos.

No contexto brasileiro do século XIX, o conceito de intelectual era fortemente condicionado por elementos simbólicos e formais. Como observa Roiz (2017, p. 18), a figura do intelectual estava menos relacionada à produção efetiva de conhecimento e mais à posse de capital cultural legitimado por meio da formação acadêmica, da retórica refinada e da inserção em círculos sociais influentes.

O reconhecimento como intelectual, portanto, estava associado não apenas ao saber formal, mas também à adoção de determinadas posturas sociais e modos de expressão que conferiam distinção aos indivíduos. Essa construção resultou em um modelo de intelectualidade elitista, sustentado por códigos de conduta e critérios de

pertencimento que, em grande medida, excluía setores populares e racializados da esfera de legitimação intelectual.

A partir do século XX, especialmente com o surgimento de uma nova geração de pensadores, inicia-se um processo de revisão crítica desse modelo. Um marco importante nesse movimento foi a obra *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, publicada em 1936. O autor insere o debate sobre os intelectuais no centro da discussão sobre a formação do pensamento social brasileiro, destacando o papel desempenhado pelos letrados na construção da identidade nacional. Buarque aponta que, embora o país ainda estivesse preso aos resquícios do bacharelismo oitocentista, os primeiros sinais de mudança começaram a surgir com a institucionalização do ensino superior nas áreas de Ciências Humanas.

Nesse sentido, a década de 1930 representa um ponto de inflexão, com a criação dos cursos universitários de Filosofia, Sociologia, Geografia e História. Esses novos espaços acadêmicos não apenas ampliaram o campo de formação intelectual, mas também contribuíram para a emergência de novos perfis de intelectuais, mais voltados à produção científica e à análise crítica da realidade brasileira. Esse processo permitiu uma progressiva reconfiguração da legitimidade intelectual, deslocando-a do campo estritamente formal e elitista para uma dimensão mais ampla, baseada no compromisso com o pensamento crítico e com os problemas sociais concretos do país.

Dessa forma, os estudos sobre os intelectuais no Brasil revelam uma trajetória marcada por tensões entre tradição e renovação. A permanência de certos códigos de distinção, herdados do século XIX, convive com tentativas de democratização do campo intelectual e com o reconhecimento de novas vozes e experiências. É nesse entrecruzamento que se insere a análise da atuação de sujeitos como João Thiago do Patrocínio, cuja trajetória interpela os limites e as possibilidades das definições clássicas sobre o que significa ser um intelectual em contextos periféricos e racializados.

A partir desse movimento, notamos uma diversificação significativa na formação dos intelectuais, com profissionais de áreas tradicionais como Medicina, Direito e Engenharia buscando complementar sua formação por meio dos campos humanísticos. Essa transição não apenas evidencia a ampliação do espaço institucional dedicado às ciências humanas, mas também sinaliza uma reconfiguração do perfil dos intelectuais brasileiros no contexto da modernização do ensino superior.

Tal transformação reflete mudanças sociais mais amplas, nas quais o conhecimento se torna multidimensional e os saberes interdisciplinares ganham relevância.

Assim, podemos afirmar que intelectual é toda pessoa que, independentemente de sua etnia, atua sobre questões relevantes da sociedade, incluindo seu campo profissional. Essa concepção mais inclusiva é reforçada por Veras (2021, p. 17), que retoma a reflexão de Sirinelli, segundo quem os intelectuais são compreendidos como atores políticos que, mesmo sem vínculo direto com a política partidária, engajam-se intelectualmente por meio de suas ações individuais ou coletivas em determinados grupos.

Sirinelli (2003, p. 235) acrescenta que, historicamente, o conceito de intelectual esteve permeado por uma perspectiva positivista, que valorizava predominantemente as visões oriundas das elites letradas. Essa visão excludente conferia aos intelectuais um prestígio social baseado na distinção e no afastamento das massas populares. Contudo, na contemporaneidade, essa definição tem sido revista, rompendo com esse enquadramento restritivo e ampliando o entendimento do papel do intelectual para além da esfera política tradicional e do civismo, incorporando novas formas de atuação e participação social.

A historiografia recente, como destaca o autor, passou a demonstrar interesse crescente pelas "massas", antes relegadas pela narrativa oficial da história positivista. Nesse contexto, os intelectuais, pertencentes a grupos minoritários e tradicionalmente associados às elites, passaram por um período de marginalização dentro dos estudos históricos — um “purgatório historiográfico”, como define Sirinelli —, em razão de sua condição elitista, reduzida e indistinta. Além disso, o envolvimento do intelectual com o debate político imediato, com seus tempos curtos e suas urgências cívicas, acrescentava mais um elemento de distanciamento da historiografia voltada para as estruturas de longa duração.

Alves (2019, p. 37) acrescenta que, ao se debruçar sobre trajetórias de intelectuais, o historiador deve considerar elementos como o período de nascimento, a formação social e cultural, bem como o contexto histórico de atuação, tomando o cuidado de não se deixar seduzir pelas imagens consolidadas na memória coletiva acerca da geração estudada. A autora recorre novamente a Sirinelli para explicitar as nuances conceituais atribuídas à categoria "intelectual".

Segundo ele, existem duas definições clássicas: a primeira, mais ampla, inclui todos os sujeitos envolvidos com o trabalho intelectual, seja na criação, mediação ou

circulação de ideias e produtos culturais. Essa abordagem permite um mapeamento horizontal, mais abrangente, das práticas culturais inseridas em contextos espaço-temporais específicos.

A segunda definição, mais restrita, está associada ao engajamento na *cit * — termo francês que remete   coletividade política, com um significado que extrapola a no o de cidade e refere-se   participa o ativa nos rumos da vida pública. Nesse sentido, o intelectual não   apenas um produtor de conhecimento, mas um agente que busca intervir nos debates coletivos, influenciando decisões e contribuindo com o direcionamento da sociedade (Sirinelli, 1994, p. 9–10, *apud* Alves, 2019, p. 30).

De acordo com Alves (2019, p. 31), Sirinelli propõe, assim, uma dupla opera o analítica: por um lado, estabelece uma conexão entre a figura do intelectual e a a o política; por outro, confere   política uma dimensão cultural profunda, reconhecendo-a como campo simbólico de disputa. Essa abordagem se mostra especialmente relevante ao se considerar a trajetória de João Thiago do Patrocínio, cuja atua o profissional em jornais gaúchos sugere um envolvimento direto com práticas intelectuais de caráter público e interventivo.

Santos (2021, p. 71) ressalta que o jornal ultrapassava a mera fun o de veículo informativo, assumindo no cotidiano uma dimensão formativa fundamental. Nele, a imprensa atuava como instrumento de educa o e forma o de opinião pública, por meio do qual grupos de intelectuais procuravam estabelecer diálogo com a sociedade, influenciar autoridades e defender suas visões de mundo, frequentemente vinculadas a agendas políticas específicas. Assim, a imprensa consolidou-se como um espaço privilegiado para a a o dos intelectuais, possibilitando a articula o entre pensamento crítico, engajamento social e interven o política.

Segundo Roiz (2017, p. 18), antes que os estudos sobre intelectuais fossem introduzidos no Brasil, o conceito vigente no século XIX refletia a lógica do bacharelismo oitocentista, caracterizado por uma valoriza o maior da retórica do que da prática efetiva no espaço público. Esse modelo priorizava gestos simbólicos e posturas formais em detrimento de a es concretas que pudessem questionar ou transformar as estruturas de poder. Assim, a figura do intelectual estava associada a uma postura conservadora, mais alinhada   manuten o do status quo do que   crítica ou   contesta o social.

Ademais, Roiz (2017, p. 24) destaca que, ao longo do século XX, houve uma reconfiguração do conceito, passando a compreender o intelectual principalmente como aquele que exerce uma atividade acadêmica ou de pesquisa. Nesse contexto, o reconhecimento do intelectual tornou-se uma construção social ligada ao julgamento dos “pares” — ou seja, a avaliação feita por outros profissionais da mesma área. No âmbito jornalístico, por exemplo, esse reconhecimento está atrelado à dedicação constante ao trabalho, à profundidade das leituras e ao domínio do conhecimento literário, reforçando o papel do intelectual como agente de saber legitimado socialmente.

Essa evolução demonstra, portanto, uma mudança significativa não só no perfil e na atuação dos intelectuais, mas também nas bases simbólicas que determinam quem pode ser reconhecido como tal. O conceito de intelectual se expande, ultrapassando as meras aparências e posturas retóricas que predominavam no passado, incorporando aspectos mais profundos ligados à produção de conhecimento e ao engajamento social.

De acordo com Bortoloti (2024, p. 352), durante a década de 1970, o Brasil experimentou um crescimento significativo do ideário da modernidade, acompanhado por uma reconfiguração das práticas sociais, culturais e educacionais, em consonância com uma nova ideologia voltada à racionalização da vida pública.

Essa ânsia modernizadora influenciou diretamente o pensamento e a ação dos intelectuais e educadores brasileiros que concebiam a transformação da educação nacional como ferramenta para a construção de uma nova sociedade. Associada ao desejo de modernização social, forjou-se no país a ideia de que a introdução da ciência e de hábitos mais saudáveis, condizentes com uma sociedade "civilizada", era de extrema importância para a modificação almejada. (Bortoloti, 2024, p. 352)

Hansen (2016, p. 9), ao enfatizarem que as práticas de mediação cultural extrapolam os espaços formais e as figuras tradicionais do saber institucionalizado. Muitos atores sociais, frequentemente invisibilizados pelas narrativas dominantes, desempenham funções essenciais na criação, circulação e transformação do conhecimento.

Portanto, a concepção de intelectual deve ser ampliada, não se restringindo apenas ao magistério, mas abarcando todos aqueles capazes de mobilizar a sociedade e fomentar a cultura em suas múltiplas formas. De acordo com as autoras, esses intelectuais exercem um papel decisivo na divulgação de ideias e na crítica

política e social, mesmo quando sua condição intelectual não é oficialmente reconhecida pelas instituições acadêmicas tradicionais.

Nessa mesma linha de pensamento, Sirinelli (2003, p. 255–256) adverte que os estudos sobre os intelectuais não devem ser reduzidos à análise desses sujeitos como simples grupos de pressão ou como agentes instrumentais em processos políticos. Ao contrário, o autor propõe que a investigação do papel dos intelectuais constitui uma via privilegiada para a compreensão da história contemporânea, oferecendo uma perspectiva mais abrangente e multifacetada sobre as dinâmicas sociais, culturais e políticas. Longe de se restringir ao campo da história política tradicional, esse enfoque assume um papel central na historiografia, ao iluminar setores fundamentais da vida coletiva e da produção simbólica em diferentes contextos nacionais.

#### 4. ELE ERA APENAS MAIS UM JOÃO

João Thiago do Patrocínio nasceu em 15 de abril de 1893, em Bagé, filho de Manoel Domingos do Patrocínio, ourives, e Rosa Ferroni do Patrocínio, dona de casa. Pertencente a uma família numerosa, era irmão de Loreto, Luiz, Josué e Francisca do Patrocínio. A escolha do seu nome em homenagem ao avô materno, João Tyago Ferroni, revela a importância das referências familiares na construção da identidade social no final do século XIX.

Seu batismo ocorreu na Paróquia de São Sebastião, local frequentado por sua família, aos doze dias de julho de 1895, sendo celebrado pelo Cônego João Ignácio de Bittencourt, que também foi seu padrinho ao lado de Maria Thomazia da Silva. A figura do Cônego Bittencourt é especialmente relevante para compreender o ambiente cultural e religioso que permeou a infância de João Thiago, uma vez que ele liderou o movimento que trouxe os salesianos para Bagé e participou ativamente da fundação do Colégio Espírito Santo. Além disso, Bittencourt desempenhou papel fundamental ao abrigar a comitiva responsável pela criação do Ginásio Auxiliadora.

Figura 11: Fotografia de Cônego Bittencourt



Fonte: Autora (2025)

Diante das limitações financeiras de sua família, João Thiago do Patrocínio iniciou sua trajetória profissional ainda na adolescência, aos 13 anos de idade. Nesse período, passou a exercer diversas atividades para garantir sua subsistência e contribuir com os custos associados à sua formação educacional. Atuou vendendo bilhetes de loteria, entregando correspondências provenientes do correio, auxiliando em cartórios notariais e, ainda, escrevendo prosas para uma revista local. Paralelamente, ministrava aulas particulares para colegas do Ginásio Auxiliadora, onde estudava.

O Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora, conforme descrito por Bica (2009), era uma instituição confessional dirigida pelos salesianos, voltada à formação de meninos, oferecendo ensino primário e secundário nas modalidades de internato, semi-internato e externato. A escola atendia, predominantemente, filhos da elite local de Bagé, embora também acolhesse outros segmentos da comunidade. Apesar de sua vocação educativa e religiosa, a permanência no ginásio exigia dos alunos uma estrutura material mínima, incluindo o fornecimento de um enxoval pessoal, o que representava um desafio para estudantes de origem humilde.

Nesse contexto, a necessidade de trabalhar precocemente relaciona-se diretamente com as exigências institucionais. De acordo com o Regimento Interno do Ginásio Municipal Nossa Senhora Auxiliadora (1904, p. 5), cada aluno deveria apresentar seu próprio enxoval, o que implicava custos adicionais e demandava esforços financeiros contínuos das famílias — ou, no caso de Patrocínio, do próprio estudante.

Nesse contexto, a necessidade de trabalhar precocemente relaciona-se diretamente com as exigências institucionais. De acordo com o *Regimento Interno do Ginásio Municipal Nossa Senhora Auxiliadora* (1904, p. 5), cada aluno deveria apresentar seu próprio enxoval, o que implicava custos adicionais e demandava esforços financeiros contínuos das famílias — ou, no caso de Patrocínio, do próprio estudante.

Com base nesses dados, podemos entender que seu ingresso no Ginásio aconteceu por meio de bolsa gratuita, concedida por intermédio do Monsenhor Costabile Hippolyto. Esse sacerdote acompanhou e apoiou a vida de Patrocínio.

Figura 12 - João Thiago em sua formatura no Ginásio Auxiliadora



Fonte: Acervo Museu Dom Diogo de Souza (2023)

Patrocínio foi um dos primeiros alunos matriculados no Ginásio, tendo ingressado no Terceiro Ano Elementar, conforme Martins (2004, p. 35). Em 1906, participou do coral da Igreja Matriz de São Sebastião e do grupo de oficiais do Batalhão Colegial, que tinha como instrutor o Tenente Del Lorenzi<sup>2</sup>. Em sua vida escolar, recebeu algumas homenagens por mérito de aprovação e bom comportamento. Por sua dedicação aos estudos, recebeu a maior honraria na instituição, a Medalha de Ouro, conferida pelo Delegado Fiscal do Governo Federal. Formou-se na primeira turma da instituição, junto a Átila Vinhas e Nei de França Wiedmann<sup>3</sup>, sendo João Thiago o único negro.

---

<sup>2</sup> Homem branco, com cargo militar, responsável por comandar o Batalhão Colegial, no Ginásio Auxiliadora.

<sup>3</sup> Alunos do Ginásio Auxiliadora, filhos de famílias da sociedade bajeense.

Figura 13 - Da direita para a esquerda: Átila Vinhas, João Thiago do Patrocínio e Nei Wiedmann



Fonte: Acervo Museu Dom Diogo de Souza (2023)

No livro comemorativo dos 50 anos do Colégio Auxiliadora, a fotografia de João Thiago ao lado de seus colegas revela nuances importantes sobre as relações sociais e raciais da época. Enquanto os filhos das famílias nobres e brancas de Bagé são destacados com seus respectivos títulos, Patrocínio é apresentado no texto sem a menção ao seu título de doutor, evidenciando uma diferença no reconhecimento social e acadêmico. Além disso, a disposição na imagem, em que o único homem negro está em pé enquanto os dois homens brancos estão sentados, reforça simbolicamente as hierarquias presentes naquele contexto.

A trajetória dos demais colegas também ilustra aspectos da elite local: Nei Wiedman, filho do major Jorge Wiedman, comandante do 18º Grupo de Artilharia a Cavalos, seguiu carreira jurídica após estudar Direito em Porto Alegre, tornando-se juiz. Átila Vinhas, por sua vez, embora tenha sido aprovado na Faculdade de Medicina, graduou-se em odontologia e exerceu sua profissão no centro de Bagé. Esses relatos destacam as diferenças no acesso e no prestígio social, apontando para as barreiras enfrentadas por João Thiago, que, mesmo com sua formação médica e atuação multifacetada, teve seu status acadêmico subestimado na memória institucional da época.

Figura 14 – Jornal Correio do Sul (16 de dezembro de 1914, p. 4)

**Attila Vinhas** — O nosso distinto amigo e illustre clinico bagóense sr. dr. Lybio Vinhas está de parabens; o talentoso joven Attila, seu digno filho, acaba de ser aprovado plenamente nos exames do 2.<sup>a</sup> serie da Faculdade de Medicina do Porto Alegre.

Por tão justo motivo enviamos as nossas felicitações ao humanitario clinico, á sua extremosa familia e ao esperançoso conterraneo que, nos bancos academicos, tanto vem illustrando o nome de que é portador.

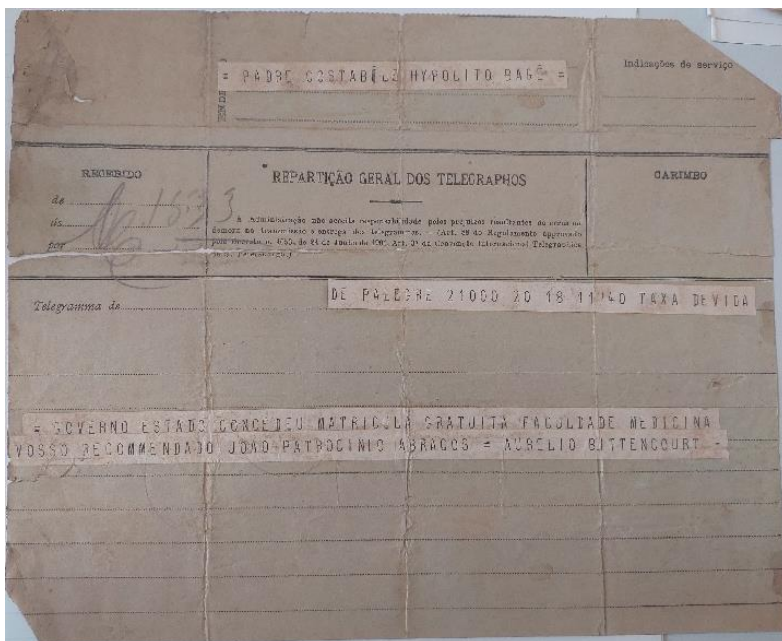
Fonte: Acervo do Arquivo Público Tarcísio Taborda (2024)

João Thiago passou a residir em Porto Alegre com a finalidade de cursar medicina, com matrícula gratuita, amparado pelo Monsenhor Constáble Hippolyto<sup>4</sup> e o Coronel Aurélio Bittencourt<sup>5</sup>.

Figura 15 - Telegrama de Bittencourt para Hippolyto

<sup>4</sup> Pároco da Igreja Matriz de São Sebastião

<sup>5</sup> Homem branco, militar, Secretário de Governo no Rio Grande do Sul e amigo do Monsenhor Constáble Hippolyto



Fonte: Acervo do Museu Dom Diogo de Souza (2024)

Ao chegar à capital, João Thiago do Patrocínio foi apresentado à equipe do jornal *O Independente* por intermédio de Bittencourt e do Monsenhor local. No periódico, passou a colaborar ativamente como poeta, articulista, cronista, noticiarista e crítico literário, demonstrando versatilidade e compromisso com o debate público. Identificado no meio jornalístico apenas como “Patrocínio”, tornou-se figura respeitada no ambiente editorial, estabelecendo vínculos de amizade e parceria, especialmente com Octaviano de Oliveira, diretor do jornal, e conquistando a admiração de seus colegas de redação.

*O Independente*, de circulação semanal, autodenominava-se “Órgão Popular” e apresentava textos voltados à cobertura do movimento operário e de suas organizações. Conforme registra o Acervo do Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho (2011), o impresso se caracterizava por uma linha editorial literária, noticiosa e recreativa, adotando como lema o compromisso de ser um “Defensor das classes populares”. Nesse espaço, Patrocínio não apenas consolidou sua atuação como intelectual engajado, mas também reafirmou seu compromisso com causas sociais relevantes.

É digno de nota que seu irmão, Loreto do Patrocínio, também teve destacada atuação na imprensa. Em Bagé, foi redator do jornal *A Defesa*, publicação semanal identificada como pertencente à imprensa negra gaúcha. Segundo Silva (2018, p. 339), um exemplar de 1920 traz, logo em sua primeira página, um artigo que trata do

analfabetismo como um tema central na luta por melhores condições de vida, revelando o caráter político-pedagógico da publicação e sua orientação emancipatória.

Além de suas atividades jornalísticas, João Thiago do Patrocínio conciliava o trabalho intelectual com sua trajetória acadêmica. Uma publicação no *O Independente*, datada de 20 de dezembro de 1920, intitulada “Classe Médica”, destaca que ele oferecia aulas particulares a colegas de curso e que, durante o surto de Gripe Espanhola em 1918, atuou voluntariamente no atendimento à população de Porto Alegre, sem receber qualquer remuneração, ao contrário de outros profissionais da área.

Essa atuação solidária revela seu compromisso ético com a medicina e com os setores mais vulneráveis da sociedade. Sua graduação em Medicina ocorreu em 11 de janeiro de 1919, com a defesa da tese intitulada *Contribuições para o estudo da Cholesterinemia*. A conclusão do curso foi noticiada pelo jornal *Correio do Sul* (14 de janeiro de 1919, p. 2), na seção “Fatos Diversos”:

Figura 16 - Jornal *Correio do Sul*

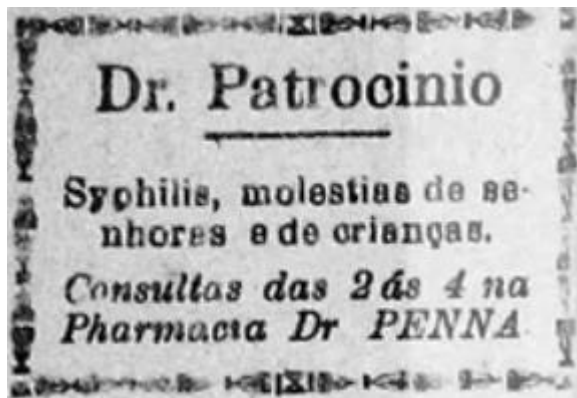


Fonte: Acervo Arquivo Público Tarcísio Taborda (2024)

Retornou a Bagé, em março de 1919, atuando como médico na Farmácia Dr. Penna. Em 1923, atendia seus pacientes na Farmácia Dr. Penna, diariamente, das 2h

às 4h. Em 1924, atuou no 3º Grupo de Artilharia a Cavalos, tendo sido nomeado 1º Tenente, em 31 de dezembro.

Figura 17 - Anúncio no Jornal Correio do Sul (15 de maio de 1923)



Fonte: Acervo do Arquivo Público Tarcísio Taborda (2024)

Em 1925, João Thiago do Patrocínio exerceu a medicina em diferentes frentes na cidade de Bagé. Atuou na Policlínica da Beneficência, onde prestava atendimento gratuito à população pobre, demonstrando compromisso com a saúde pública e com a promoção do bem-estar social. Simultaneamente, colaborava na Farmácia Central, de propriedade de seu irmão, Loreto do Patrocínio.

Durante um período de afastamento por licença do Capitão Médico Júlio Vieira Diogo, Patrocínio também assumiu funções na enfermaria da 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, contribuindo com os serviços de saúde militar.

Ao contrário do que ocorreu durante sua estadia em Porto Alegre, onde teve expressiva participação na imprensa, sua passagem por Bagé nesse momento foi marcada exclusivamente pela dedicação à prática médica. Não há registros de envolvimento com atividades jornalísticas locais durante esse período, o que indica uma concentração de esforços na consolidação de sua carreira profissional na área da saúde.

Figura 18 - Anúncio no Jornal Correio do Sul (28 de novembro de 1925, capa)

**Polyclinica da Beneficencia**

DR. AGOSTINHO DA CRUZ — Clinica geral.  
Laboratorio medico. Das 9 ás 10 horas.

DR. MANOEL GONDIM — Das 12 ás 13 horas.

DR. PATROCINIO — Da 1 ás 2 horas da tarde.

DR. ALVES REQUIÃO — Partos, molestias de  
senhoras e de crianças. Das 2 ás 4 horas da tarde.

DR. MARIO ARAUJO — Cirurgia e vias urina-  
rias. Das 3 ás 5 horas da tarde.

DR. ROMEU BORBA — Syphilis e molestias ve-  
nerreas. Clinica geral. Das 4 ás 5 horas da tarde.

DR. HUGO FERRANDO — Clinica geral. Es-  
pecialmente molestias do Tubo Digestivo. Das 4 ás 5  
horas da tarde

DR. BRENNO FERRANDO — Clinica medico-  
cirurgica. Das 5 ás 6 horas da tarde.

**EXAMES DE RAIOS X**  
Radiodagnostico, Radioterapia, Radioscopia cirur-  
gica, Diatermia e Electricidade medica

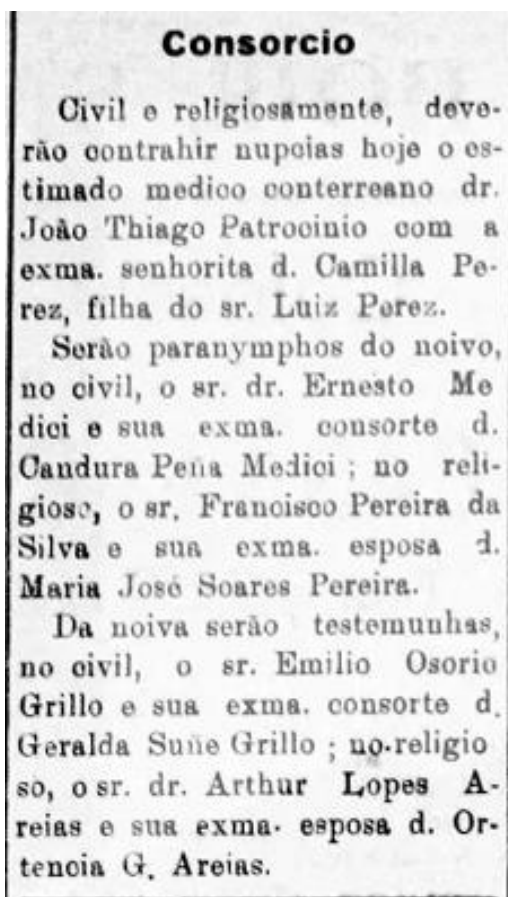
**CONSULTAS GRATIS AOS POBRES**  
N. 17727 B

Fonte: Arquivo Público Tarcísio Taborda (2024)

Em 28 de novembro de 1925, João Thiago do Patrocínio contraiu matrimônio com Camilla Perez, filha de Luiz Perez e Maria Ramalho Perez, integrantes de uma tradicional família da sociedade bajeense. O casal era frequentador da Igreja de São Sebastião, onde receberam as bênçãos nupciais do Monsenhor Costabile Hippolyto, figura de destaque no clero local.

O evento social foi noticiado na edição de 27 de novembro de 1925 do jornal Correio do Sul (p. 2), na coluna intitulada “Júbilos Sociaes”, evidenciando o reconhecimento social do enlace matrimonial e sua inserção no circuito das famílias respeitadas da cidade.

Figura 19 - Jornal Correio do Sul (27 de novembro de 1925)



Fonte: Acervo do Arquivo Público Tarcísio Taborda – Bagé (2024)

A cerimônia de casamento entre João Thiago do Patrocínio e Camilla Perez ocorreu na Catedral de São Sebastião, sendo conduzida pelo Monsenhor Costabile Hippolyto. Os padrinhos escolhidos pertenciam a famílias tradicionais da elite bajeense, entre os quais destacam-se o médico Ernesto Médici e sua esposa Candura Peña Médici, o empresário Emílio Osório Grillo e Geralda Suñe Grillo, além do médico Arthur Lopes Areias e Ortência G. Areias, evidenciando o prestígio social do casal no contexto local.

No ano seguinte, em 1926, o casal estabeleceu residência em Cruz Alta, município do interior do Rio Grande do Sul. Nesse mesmo ano, em 8 de agosto, às 11h30, nasceu o primeiro filho do casal, Paulo do Patrocínio, no domicílio da família. Dois anos depois, em 1928, João Thiago retornou a Bagé, assumindo funções

médicas junto ao 25º Grupo de Artilharia de Campanha (25º GAC), onde deu continuidade à sua atuação na medicina militar.

Em 1930, foi transferido para Passo Fundo, onde passou a atuar na enfermagem do 8º Regimento de Infantaria e também a prestar atendimentos clínicos particulares no Hotel Avenida. Durante sua estadia na cidade, retomou sua participação na imprensa, colaborando com o jornal *O Nacional*, por meio do envio de textos assinados sob o pseudônimo “João Ferro”. Nessa ocasião, estabeleceu amizade com o redator interino do periódico, Severino Ronchi.

*O Nacional*, à época, era um jornal de circulação bissetimanal, impresso no formato standard e composto por quatro páginas. Segundo registros contemporâneos, o periódico permanece em atividade e, em junho de 2025, celebrará seu centenário, mantendo circulação física diária.

A colaboração de Patrocínio com *O Nacional* estendeu-se de 27 de janeiro a 4 de maio de 1931, período em que publicou diversos textos literários e de opinião. Essa atuação reafirma sua identidade como intelectual, conforme o reconhecimento expresso na nota publicada na seção “Vida Social” da edição de 4 de maio de 1931 (nº 911, p. 4), véspera de seu retorno a Bagé, onde mais uma vez daria continuidade à sua trajetória profissional e intelectual.

Figura 20 - jornal *O Nacional* (de 04 de maio de 1931)

**Dr. PATROCINIO**

Regressará, amanhã, para Bagé o Tte. Dr. José Patrocínio, medico militar, acompanhado de sua exma. esposa e filho, e que aqui se encontram já ha alguns meses.

O dr. Patrocínio, que é um brilhante intellectual, deu-nos o prazer de sua collaboração— sob o pseudonymo de «João Ferro — durante sua estadia nesta cidade, e prometteu-nos continual-a quando hoje de sua gentil despedida a este vespertino.

Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo (2024)

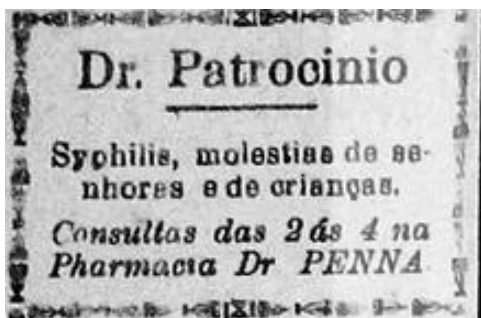
Ao retornar para Bagé, João Thiago do Patrocínio retomou suas atividades profissionais na Farmácia Central, localizada em sua residência na Rua General Sampaio, nº 119. Paralelamente, voltou a prestar serviços médicos na enfermaria da 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, mantendo-se ativo tanto na prática clínica civil quanto no atendimento à corporação militar local.

Figura 21 - Jornal O Nacional (28 de março de 1931, p. 4)



Fonte: Arquivo Regional Histórico de Passo Fundo (2024)

Figura 22 - Jornal Correio do Sul (15 de maio de 1928, p. 4)



Fonte: Arquivo Público Tarcísio Taborda (2024)

Após o ingresso no Exército Brasileiro, não foram encontradas evidências de publicações jornalísticas realizadas por João Thiago do Patrocínio em veículos de Bagé, embora constem anúncios referentes aos seus atendimentos clínicos. Sua atuação multifacetada como médico e jornalista lhe rendeu diversas homenagens registradas nas páginas dos jornais de Bagé, Passo Fundo e Porto Alegre.

Patrocínio faleceu às 14h30min do dia 27 de abril de 1936, aos 43 anos, em decorrência de tuberculose. A cerimônia de encomendação de seu corpo foi conduzida pelo Monsenhor Costabile Hippolyto, conforme consta no registro número 960, folha 40v, do Livro 23 de assentamento de óbitos da Paróquia Catedral de São Sebastião. Seu sepultamento ocorreu no Cemitério Municipal no dia seguinte.

Figura 23 - Registro de sepultamento de João Thiago do Patrocínio

## Santa Casa de Caridade de Bagé

Decreto de Utilidade Pública Federal Nº. 52.496 de 21.06.1965  
 Personalidade Jurídica Nº. 90 de 30-12-1949 – Fones (53) 999298518 e 3242.3000

### Secção Cemitério

#### GUIA DE SEPULTAMENTO

A pedido da parte interessada, informamos que no livro de registro de sepultamentos deste cemitério, consta na folha nº 112 o registro de óbito do cadáver de JOÃO T. PATROCINIO, com 43 anos, casado, filho de MARIA D. PATROCINIO, natural da Espanha, falecido às 14:30h. do dia 27 de Abril de 1936 e sepultado às 12:00h. do dia 28 de Abril de 1936, na sepultura nº 12 da 13ª divisão deste Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé/RS.

Foi encontrado pela colaboradora Patrícia Freitas Irazoqui – Matrícula 50593.

Bagé, 05 de Novembro de 2024.

Uilson Adriano da Cruz  
 GESTOR DO CEMITÉRIO

SR. UILSON ADRIANO BATISTA DA CRUZ  
 GESTOR DO CEMITÉRIO

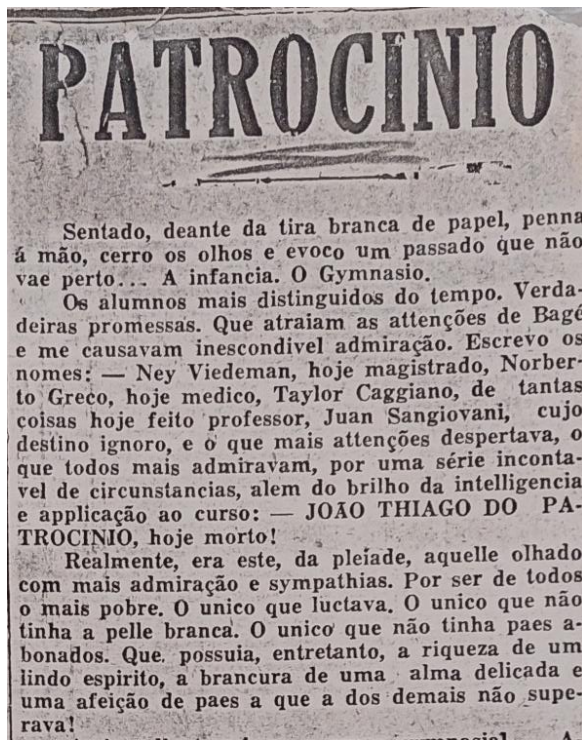
Fonte: Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé (2024)

Diversos jornais da época registraram o falecimento de João Thiago do Patrocínio por meio de homenagens e notas de pesar. Entre essas publicações, destaca-se o jornal Reacção, que emitiu uma edição especial em 29 de abril de 1936. A redação da gazeta era comandada por João Hugo Kopp, enquanto seu proprietário era Otávio Santos, amigo próximo de Patrocínio. Santos, que atuara como jornalista político na Folha Castilhistas, foi posteriormente fundador do Reacção.

Na mesma data, o jornal Correio do Sul também publicou homenagens, incluindo um texto assinado por Otávio Santos. Neste, o autor ressalta a inteligência

e as qualidades de João Thiago, reforçando sua relevância intelectual e social para a comunidade local.

Figura 24 - Jornal Correio do Sul (28 de abril de 1936, p. 2)



Fonte: Acervo do Arquivo Público Tarcísio Taborda – Bagé (2024)

Nesse trecho, Santos fala da inteligência de Patrocínio e de seu destaque na sociedade. Mais uma vez, percebemos que ele foi um homem admirado e respeitado pela imprensa. No mesmo dia, o jornalista Fernando Borba publicou na capa do Correio do Sul um texto que exalta a sua inteligência e a amizade com José do Patrocínio Filho.

Figura 25 - Jornal Correio do Sul (28 de abril de 1936, p. 2)

Espirito bohemio, foi um dispersivo. Sobrava-lhe talento e bôssa para a profissão que abraçou. Mas faltava-lhe o feitiço «standard» do clinico.

Tinha uma perfeita semelhança physica com José do Patrocínio Filho, seu grande amigo. E as mesmas predilecções e a mesma insaciabilidade espirital. Teria sido um grande medico se quizesse, como teria sido um escriptor de brilho se tal houvesse pretendido.

Adversario intransigente da morte, deixou-se matar a tração.

Ir-se-ão com elle, hoje, para o nada do sepulchro, os mais lindos sonhos de uma vida que sorria por todas as janellas da intelligencia.

Fonte: Acervo do Arquivo Público Tarcísio Taborda – Bagé (2024)

Figura 26 - Jornal Correio do Sul (29 de abril de 1936, p. 5).

Realmente, era este, da pleiade, aquelle olhado com mais admiração e sympathias. Por ser de todos o mais pobre. O unico que luctava. O unico que não tinha a pelle branca. O unico que não tinha paes abonados. Que possuia, entretanto, a riqueza de um lindo espirito, a brancura de uma alma delicada e uma afeição de paes a que a dos demais não superava!

Assim elle terminou o curso gymnasial... Após, amparado por homens de bem e de “bens”, que lhe apreciavam os dotes e vislumbravam-lhe o futuro que a todos se afigurava radioso, rumou a Porto Alegre onde conquistou, com o talento, o titulo scientifico com o qual regressou a Bagé, sua terra, que o acolheu com carinho e já o recolheu para sempre!

A este, nunca perdi de vista, das vistas da imaginação.

Fonte: Acervo da Escola Dr. João Thiago do Patrocínio (2023)

A viúva de João Thiago do Patrocínio, Camilla Perez, publicou uma nota de agradecimento na capa do Correio do Sul em 1º de maio de 1936. No texto, ela expressa reconhecimento pelo empenho dos médicos que acompanharam o período de enfermidade e o falecimento do marido, bem como pela generosidade do Monsenhor Costabile Hippolyto, responsável pela cerimônia fúnebre.

O nome de João Thiago do Patrocínio passa a figurar em estudos realizados por pesquisadores bajeenses a partir dos anos 2000. A historiadora Élidea Hernandes Garcia (2006), no livro *Escritores Bageenses*, destaca sua contribuição acadêmica por meio da tese “Estudo para a Cholesterinemia”, apresentada para a obtenção do título de doutor em Medicina pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Garcia aborda aspectos biográficos do médico, incluindo sua atuação humanitária, e enfatiza que sua tese, defendida em 11 de janeiro de 1919, foi a primeira apresentada no curso, no período entre 30 de dezembro de 1918 e a defesa. A autora também traz informações sobre a família de Patrocínio e cita trecho do texto publicado pelo jornalista Fernando Borba no Correio do Sul, em 28 de abril de 1936.

Já o jornalista Mário Lopes (2007), em seu livro, dedica um capítulo intitulado “Homens de cor de marcante atuação” à memória de figuras negras que contribuíram significativamente para a sociedade bajeense. Lopes ressalta a iniciativa da Câmara de Vereadores de Bagé, que em 1884 promulgou um ato considerado pioneiro na suposta libertação dos escravos na cidade, tornando-a uma das primeiras do país a adotar tal medida. O capítulo destaca a importância de registrar e preservar as trajetórias de homens e mulheres negros que se tornaram nomes de ruas e escolas locais.

No referido texto, Lopes apresenta informações semelhantes às de Garcia, detalhando o nascimento e falecimento de João Thiago do Patrocínio, sua dedicação à população bajeense sem distinção de classe social, e sua atuação no Serviço de Saúde do Exército. Além disso, o autor reproduz a mesma homenagem do jornalista Fernando Borba, publicada na capa do Correio do Sul em 28 de abril de 1936. A viúva de João Thiago do Patrocínio, Camilla Perez, publicou uma nota de agradecimento na capa do Correio do Sul em 1º de maio de 1936. No texto, ela expressa reconhecimento pelo empenho dos médicos que acompanharam o período de enfermidade e o

falecimento do marido, bem como pela generosidade do Monsenhor Costabile Hippolyto, responsável pela cerimônia fúnebre.

O nome de João Thiago do Patrocínio passa a figurar em estudos realizados por pesquisadores bajeenses a partir dos anos 2000. A historiadora Élidea Hernandes Garcia (2006), no livro *Escritores Bageenses*, destaca sua contribuição acadêmica por meio da tese “Estudo para a Cholesterinemia”, apresentada para a obtenção do título de doutor em Medicina pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Garcia aborda aspectos biográficos do médico, incluindo sua atuação humanitária, e enfatiza que sua tese, defendida em 11 de janeiro de 1919, foi a primeira apresentada no curso, no período entre 30 de dezembro de 1918 e a defesa. A autora também traz informações sobre a família de Patrocínio e cita trecho do texto publicado pelo jornalista Fernando Borba no *Correio do Sul*, em 28 de abril de 1936.

João Thiago do Patrocínio era médico de intensa e notável vocação e poderia ser o “Príncipe da Clínica” em sua terra natal se quisesse, como teria sido escritor de brilho se tal houvesse pretendido. Um sol que não esteve no zênite porque não quis. Espírito boêmio, sobrava-lhe talento e bossa para a profissão que o abraçou. Adversário intransigente da morte, deixou-se matar à traição. Ir-se-ão com ele, para o nada do sepulcro, os mais lindos sonhos de uma vida que sorria por todas as janelas da inteligência. Quanta gente hoje, beijando o filhinho que ele salvou, estremecerá de emoção. Tanto quanto eu. (*Correio do Sul*, 1936)

João Thiago do Patrocínio destacou-se em diversos espaços sociais, residindo em cidades como Porto Alegre, Cruz Alta, Passo Fundo e Bagé, conforme apontado nos registros históricos. Sua atuação social e profissional foi reconhecida a ponto de seu nome ser eternizado em uma instituição educacional da cidade de Bagé, durante a década de 1960, no contexto do Plano de Expansão Descentralizada implementado pelo governo de Leonel Brizola.

Conforme consta na guia de sepultamento emitida pela administração da Santa Casa de Caridade de Bagé, seção Cemitério, João Thiago foi sepultado às 12 horas do dia 28 de abril de 1936, na sepultura número 12, localizada na 13ª divisão do referido cemitério. Atualmente, os responsáveis pela gestão do local desconhecem o

paradeiro dos restos mortais de Patrocínio, havendo informações de que estes foram subtraídos, sem que haja qualquer registro oficial de retirada do cemitério.

#### 4.1. As produções de Patrocínio

João Thiago exerceu, por muitos anos, atividades em impressos que circulavam à época. Em nosso trabalho de busca, encontramos vestígios de sua atuação no jornal *O Independente*, em Porto Alegre, e *O Nacional*, de Passo Fundo. Suas produções traziam o contexto daquele período, tendo publicado poemas e outros textos como artigos e crônicas.

Para tanto, nesses materiais, não se pode encontrar evidências de que atuou em prol da educação de forma direta, contudo, percebe-se que o conteúdo narrava questões culturais. Nesse sentido, Serinelli (2003, p. 241) narra sobre a criação do Comitê de Vigilância dos Intelectuais Antifascistas, em junho de 1934, na Maison des Syndicats de Bourges, quando 15 professores dissertavam sobre a "compreensão" e a "extensão" dada ao termo intelectual, onde se sobressai a resposta: "É uma questão de qualidade humana."

Dessa forma, acreditamos ser importante analisar as produções escritas e publicações de Patrocínio, a fim de compreender de que modo de expressão como jornalista contribuiu para a sociedade do início do século XX. Os textos encontrados de *O Independente*, são do acervo da Escola. Esses são recortes que apresentam somente as publicações de Patrocínio, contudo, estão com a indicação do impresso. Nesse periódico, publicava sobre questões do cotidiano e expressou seus pensamentos.

A seguir, descreveremos o conteúdo dos textos reunidos, originários dos acervos da Escola Municipal Dr. João Thiago do Patrocínio e do *O Nacional*.

Como jornalista, João Thiago escreveu para a sessão "Riscos" em *O Independente*, onde teceu uma homenagem ao diretor do jornal Octaviano de Oliveira<sup>6</sup>, registrando que o mesmo vivia uma vida de "marthyrios", tendo como missão

---

<sup>6</sup> Diretor do jornal *O Independente* e amigo de Aurélio Bittencourt

dedicar seu trabalho ao povo, atender aos deveres da família e “enfrentar os dissabores que a vida de imprensa oferece”.

No artigo intitulado "Treze annos", o autor discorre sobre a trajetória do diretor, imprimindo sua visão sobre a atuação desse: "Treze annos de contínuos trabalhos se desenrolam, hoje, diante desse denodado gaúcho, que se acha á frente d' "O Independente", de pena em riste, sempre prompto para defender as causas justa e verberar os massacres que opprimem o povo."

Na mesma coluna, descreveu seu descontentamento com a abordagem dos engraxates na Praça da Alfandega, que demonstravam falta de educação, roupas sujas e agressividade. Em "1º de Maio" (O Independente, 1914), Patrocínio homenageia os operários, fechando o artigo com o seguinte trecho: "Descançae, é junto; fortificae vossos ideaes; defeidei-los sempre para que um dia guardando a estrada do trabalho, possaes dizer, bem alto, satisfeito de terdes cumprido vossa missão: colhei, meus filhos, os frutos que vosso pae semeou..."

Em outro texto da coluna Riscos, ele homenageia Bagé, fazendo referência ao intendente Tupy Silveira. Nesse artigo, Patrocínio conta sobre as ruas arborizadas, os postes que iluminam, com luz elétrica e a irrigação do solo, que controla a poeira, faz a higiene e controla as endemias. Afirma que o propósito de seu texto não é elogiar o intendente, mas destacar as belezas e os cuidados com Bagé. Porém, no fechamento do texto, tece crítica sobre a rapidez com que os acendedores de lampeões apagam as luzes em Porto Alegre, principalmente, nas noites de calor, quando a população passeia pelas ruas a noite.

Já o acervo do O Nacional, foi consultado no Arquivo Histórico Regional (AHR), na Universidade de Passo Fundo, na cidade de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul. Esse foi digitalizado e está disponível para consulta in loco, em computadores do Arquivo. Nesse impresso, João Thiago publicou alguns poemas. Em ambos os jornais, utilizou o pseudônimo *João Ferro*.

A sua primeira publicação em O Nacional é datada de 10 de fevereiro de 1931 e a última ocorreu em 14 de março do mesmo ano. Seu nome aparece em textos na coluna "Vida Social", sendo mencionado por participar de cerimônias no 8º Regimento de Infantaria, homenagem pela passagem de seu aniversário e outra sobre sua despedida, quando retornou a Bagé.

Ao lermos seus poemas, percebemos que apresentam certo encantamento e melancolia. Durante a análise, compreendemos que ele utilizou suas palavras para

homenagear algumas pessoas, que foram identificadas pelas letras iniciais do nome, pseudônimo ou remeteu-os aos colegas de imprensa.

Acerca de sua intelectualidade, podemos dizer que João Thiago do Patrocínio, por ter vivido antes do surgimento dos estudos sobre os intelectuais e a história intelectual no Brasil, datada de 1936, conforme Rios (2017). Poderia ser compreendido como um "letrado-intelectual", aos moldes do início do século XX, que é um período que ainda apresentava o olhar oitocentista, conforme o mesmo autor (2017, p. 24). Todavia, compreendemos que o legado deixado por Patrocínio vai além de sua diplomação acadêmica, tendo deixado uma marca importante para a sociedade bajeense.

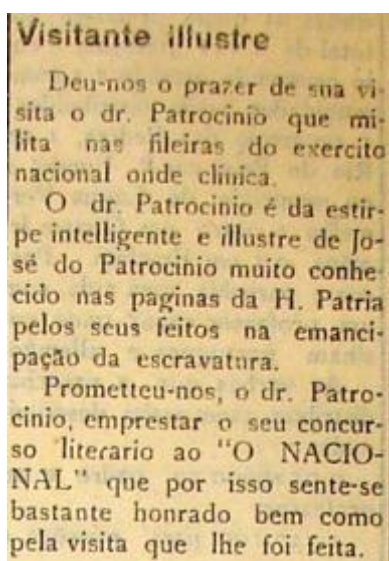
Figura 27 – 1ª publicação no Jornal O Nacional (10 de fevereiro de 1931, p. 2)

\*\* POR que estaes tão triste, tão pensativo, meu amigo?  
 ?!...  
 Ando pensando, com grande magua, na enormidade do peso da Cruz de Sabedoria, que os commissionados levarão ás costas, para subir até apice do Calvario... do Exame de Admissão.  
 \*\*  
 Que chuva terrível! Parecem estyletes cahindo.  
 Teria começado a revolução do Tempo?  
 \*\*  
 Se a chuva fosse eternamente cahindo... que seria, meu bom Deus, meu grande Deus, da Alma pobre da Terra?...  
 \*\*  
 Que cor tem a vaidade?  
 Pobre de Santo Agostinho, levaste tanto tempo para dizer, que... (si me não falha a memoria)...  
 Vanitas vanitates, omnia vanitas.  
 E eu direi, assim: as cores todas se reúnem, para fazer uma só, a Branca.  
 Parece *mentira* que ellas sejam *Sete*.  
 Si a branca é vaidosa... meu Deus?! A vaidade não tem cor... é de todas as cores.  
 João FERRO

Fonte: Acervo jornal O Nacional (2024)

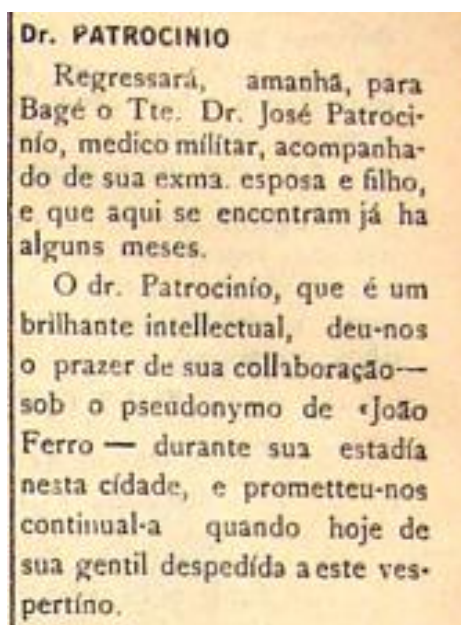
Patrocínio demonstrava grande desenvoltura na escrita, evidenciada pela utilização de expressões em latim em alguns de seus textos. Além disso, fazia referências a figuras literárias e filosóficas de renome, como o poeta português Luís de Camões, o escritor João Baptista de Almeida Garrett, o romancista francês Alexandre Dumas e o filósofo René Descartes. Também mencionava o jornalista e romancista francês Alphonse Karr e realizou traduções do latim, o que revela seu amplo domínio do universo literário e cultural.

Figura 28 – Primeira notícia sobre João Thiago do Patrocínio (O Nacional, 27 de janeiro de 1931)



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Regional (2024)

Figura 29 – Notícia sobre a despedida de João Thiago do Patrocínio de Passo Fundo (O Nacional, 05 de março de 1931)



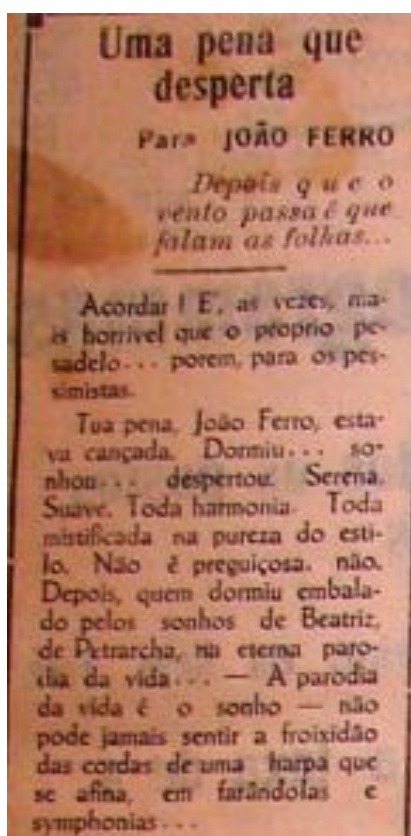
Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Regional (2024)

Pode-se notar que João Thiago manteve uma relação próxima com José do Patrocínio, o jornalista conhecido por sua luta ativa pela abolição da escravidão no Brasil. Esse vínculo revela que João Thiago esteve inserido em um círculo de

influentes personalidades da imprensa, atuantes como formadores de opinião em seu tempo.

Um exemplo dessa convivência e troca de ideias pode ser observado no texto publicado por Theseu no jornal \*O Nacional\* em 9 de março de 1932 (p. 2). Nele, o autor responde ao poema “Minha Pena Dorme”, de João Thiago, apontando uma transformação em sua produção jornalística. Theseu sugere que a escrita de Patrocínio mudou, deixando de lado o estilo mais incisivo que ele usava em "O Independente" para adotar uma abordagem mais branda, caracterizada por uma tonalidade “serena e suave”. Essa observação indica uma evolução no modo como João Thiago expressava suas ideias, possivelmente refletindo mudanças pessoais ou contextuais em sua trajetória como jornalista.

Figura 30 – "Uma pena que desperta" (O Nacional, 09 de março de 1931, p. 2)



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo (2024)

Ao analisarmos o texto citado, fica claro que ele faz referência ao afastamento temporário de Patrocínio da atividade jornalística. A expressão utilizada pelo autor — “Tua pena, João Ferro, estava cansada. Dormiu... sonhou... Despertou. Serena.

Suave. Toda harmonia. Toda mistificada na pureza do estilo” — sugere um período de pausa e renovação na produção literária e jornalística de Patrocínio. Essa “serenidade” e “suavidade” apontam para o momento em que ele dedicou-se predominantemente à medicina, atuando tanto em clínicas quanto no Exército Brasileiro, afastando-se, assim, das pressões e do ritmo do jornalismo. Dessa forma, o texto evidencia uma fase de transição na vida de João Thiago, marcada por um recuo temporário da escrita para focar em outras responsabilidades profissionais.

#### 4.2. Hippolyto: "o mensageiro de Deus"

Durante a busca por fontes documentais sobre Patrocínio, percebemos que Hippolyto teve uma atuação que corroborou com a educação de muitas crianças pobres. Algumas de suas ações ficaram registradas, como por exemplo: ter sido o responsável por ajudar na manutenção do Orfanato São Benedito, fundado por Luciana Lealdina de Araújo (Mãe Luciana), no acolhimento de crianças órfãs ou abandonadas e ter criado a Escola Paroquial São Sebastião em 31 de março de 1908.

Figura 31 – Jornal Correio do Sul (16 de dezembro de 1914, p. 4)



Fonte: Acervo do Arquivo Público Tarcísio Taborda (2024)

Costabile Hippolyto nasceu em 21 de abril de 1867, na cidade italiana de Salerno. Formou-se como presbítero secular, bacharel e professor diplomado pela Escola Normal de Salerno em 1885, concluindo seu curso superior em 1888. Pouco

tempo depois, transferiu-se para o Brasil, onde, em 1891, foi aprovado com distinção ("magna cum laude") nos exames eclesiais realizados em Porto Alegre, conforme registrado no Almanaque do Correio do Sul (1974, p. 290).

Após essa aprovação inicial, retornou à Itália para finalizar seus exames, graduando-se em italiano, grego, latim, francês e ciências naturais, além de cursar matemática e pedagogia. Foi ordenado padre em 24 de setembro de 1892. Já no Brasil, estabeleceu uma estreita relação com Gaspar Silveira Martins, figura influente que o indicou para os jesuítas, o que possibilitou o início de sua atuação no Ginásio Conceição, em São Leopoldo.

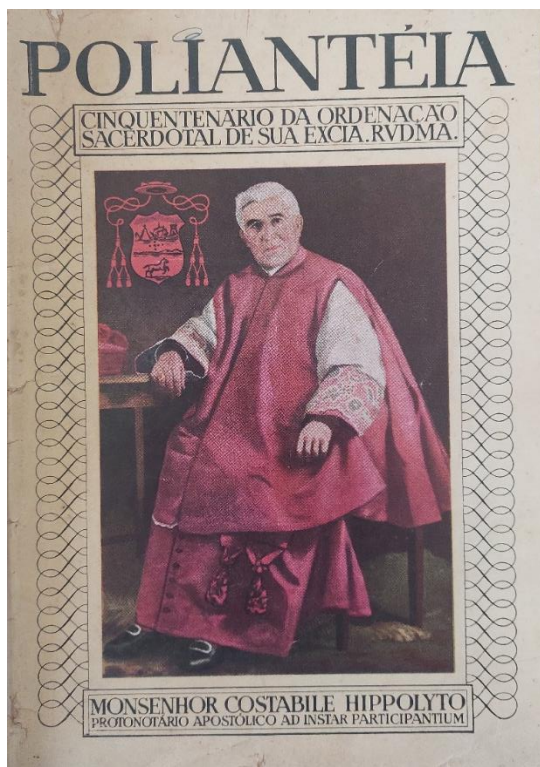
Em 1893, recebeu o cargo de vigário da paróquia Menino Deus, em Porto Alegre. Três anos depois, em 1896, passou a atuar na Paróquia Nossa Senhora do Rosário, na mesma cidade, onde fundou, em 4 de outubro de 1902, uma escola paroquial que, em apenas quatro anos, já atendia cerca de 250 alunos.

De acordo com uma publicação do jornal O Independente, datada de 13 de dezembro de 1906, Hippolyto foi nomeado vigário em Bagé, onde liderou esforços para a reforma da Igreja Matriz de São Sebastião, danificada durante a Revolução de 1893.

Sua trajetória eclesial e social recebeu reconhecimento oficial em 1925, quando o Papa Pio XI concedeu-lhe o título de monsenhor. Além disso, foi agraciado com o título de Pronotário Apostólico pela Santa Sé, e alcançou os graus de doutorado em Teologia e Direito. Manteve também vínculos estreitos com importantes lideranças políticas e sociais da época, como Borges de Medeiros, Pedro Moacir e o Barão de Kelden, conforme registro do Padre Pedro Luiz no Almanaque do Correio do Sul (1974, p. 291).

Essas informações foram posteriormente reunidas em um livro comemorativo em homenagem ao religioso, celebrado por ocasião dos 50 anos de sua ordenação sacerdotal.

Figura 32: Polianteia: Cinquentenário da ordenação sacerdotal (1942)



Fonte: Acervo Museu Dom Diogo de Souza (2024)

O sacerdote Costabile Hippolyto também desenvolveu uma relevante atuação no campo da imprensa, colaborando como redator na Gazeta do Comércio, em Porto Alegre, ao lado de figuras como Fanfa Ribas — fundador do jornal Correio do Sul em Bagé —, Mário Totta e Pinto da Rocha. Além disso, manteve uma relação próxima com a direção do jornal O Independente, que, embora adotasse uma postura crítica aos excessos de certos religiosos católicos, reconhecia nele um agente comprometido com o bem social.

Faleceu em 13 de agosto de 1956, aos 89 anos de idade, com 64 anos dedicados ao sacerdócio, e seus restos mortais encontram-se sepultados na Catedral de São Sebastião.

Sua influência foi especialmente significativa na vida de João Thiago do Patrocínio, não apenas por ter conseguido para ele uma vaga na faculdade de medicina, mas também por ter celebrado seu casamento e realizado os ritos de encomendação de seu corpo, segundo os preceitos da Igreja Católica. A proximidade entre ambos evidencia uma relação marcada pela gratidão e respeito de Patrocínio pelo monsenhor. Essa ligação é materializada em documentos do acervo do pároco,

preservados no Museu Dom Diogo de Souza, onde foi encontrada uma fotografia com dedicatória oferecida como presente a Hippolyto.

Figura 33 - Fotografia de João Thiago do Patrocínio para o Monsenhor



Fonte: Acervo do Museu Dom Diogo de Souza (2024)

#### 4.3. As memórias contadas por Ricardo Graner Patrocínio

Durante o processo de investigação que compôs esta pesquisa, foi possível localizar o único neto de João Thiago do Patrocínio: Ricardo Graner Patrocínio, filho de Paulo Patrocínio e Olympia Graner Patrocínio. Nascido em Santos, São Paulo, Ricardo residiu durante alguns anos em Bagé, e atualmente vive no município de Praia Grande (SP). Embora não tenha convivido diretamente com seu avô, demonstrou interesse em colaborar com a pesquisa, oferecendo relatos e lembranças herdadas por meio das narrativas de seu pai.

A localização de Ricardo não foi uma tarefa simples. Inicialmente, a busca se baseou nas informações disponíveis no livro de Garcia (2006), que apontava um endereço em Bagé. Contudo, ao visitá-lo, foi-nos informado que o neto de Patrocínio

havia falecido. Diante disso, a investigação foi temporariamente suspensa. Mais adiante, constatou-se um erro na grafia de seu sobrenome no livro mencionado, o que dificultou sua identificação. Enquanto se buscava por Ricardo Gomes do Patrocínio, o nome correto era Ricardo Graner Patrocínio.

A partir dessa correção, novas buscas foram realizadas em cartórios e registros digitais. Foi através de uma rede social que se chegou ao contato telefônico de Ricardo, possibilitando o início de uma conversa produtiva, na qual memórias familiares foram compartilhadas.

Ricardo revelou que não possui documentos, fotografias ou registros materiais de sua família, uma vez que grande parte do acervo pessoal foi perdida em um alagamento que atingiu o imóvel comercial onde os itens estavam armazenados. Ainda assim, compartilhou algumas lembranças que lhe foram transmitidas por seu pai, Paulo, entre elas, a atuação de João Thiago como médico do Exército, reconhecido por atender a população mais pobre, muitas vezes aceitando alimentos como forma de pagamento. Segundo o relato, Patrocínio demonstrava genuíno compromisso com a saúde da comunidade, evidenciado por sua postura humanitária.

Outras recordações incluem a proximidade de Patrocínio com figuras públicas, como um suposto presidente que teria sido amigo da família, além de uma referência a um livro assinado pelo neto de José do Patrocínio Filho. Ricardo também relatou que o pai possuía um primo, possivelmente chamado Alcides, que teria sido coronel do Exército e residido em Bagé.

Ademais, mencionou que seus pais teriam visitado a cidade de Bagé em determinado momento e foram recebidos com homenagens pelo poder público local, incluindo a entrega simbólica da chave da cidade — evento que teria ocorrido em função da nomeação de uma instituição de ensino em homenagem a João Thiago do Patrocínio.

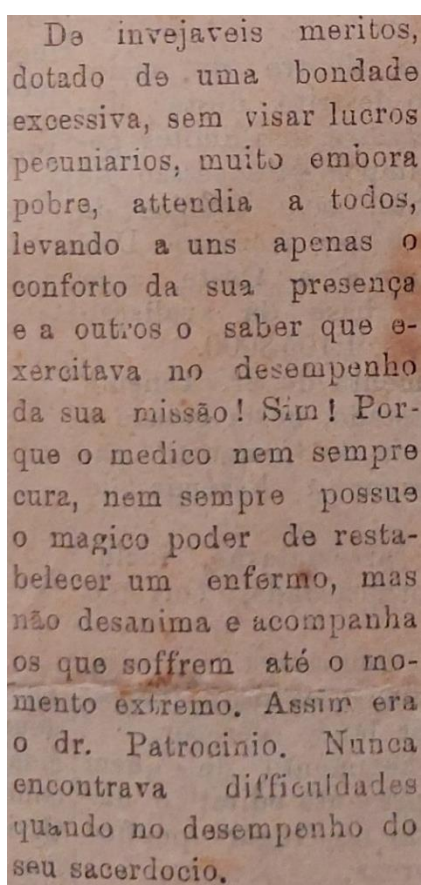
Em suas mensagens, Ricardo expressou dúvidas quanto ao paradeiro dos restos mortais de seu avô, aventando a hipótese de que pudessem ter sido levados a Cruz Alta, cidade onde seu pai nasceu. No entanto, os registros analisados nesta pesquisa indicam que João Thiago faleceu em Bagé e foi sepultado no Cemitério Municipal, sem que haja documentação comprovando a exumação ou transferência dos restos mortais.

Por fim, Ricardo compartilhou lembranças de sua avó, Camilla, que teria vivido seus últimos anos no Rio de Janeiro, casada com um general do Exército, de quem

pouco sabia além do título. Segundo ele, Camilla morava na Tijuca, em uma vila próxima à rua Haddock Lobo, a cerca de dez minutos do Estádio do Maracanã.

A troca de mensagens com Ricardo ocorreu ao longo de diversos dias, o que possibilitou que ele recorresse às suas memórias com maior liberdade e tempo. Parte das informações fornecidas por ele encontra respaldo nos documentos históricos e fontes jornalísticas consultadas nesta pesquisa, contribuindo significativamente para a reconstrução da trajetória de João Thiago do Patrocínio.

Figura 34 – Jornal Reacção (29 de abril de 1936)



De invejáveis meritos, dotado de uma bondade excessiva, sem visar lucros pecuniarios, muito embora pobre, attendia a todos, levando a uns apenas o conforto da sua presença e a outros o saber que exercitava no desempenho da sua missão! Sim! Porque o medico nem sempre cura, nem sempre possui o magico poder de restabelecer um enfermo, mas não desanima e acompanha os que soffrem até o momento extremo. Assim era o dr. Patrocínio. Nunca encontrava dificuldades quando no desempenho do seu sacerdocio.

Fonte: Acervo da Escola João Thiago do Patrocínio (2023)

#### 4.4. Uma escola em homenagem a João Thiago

A fundação da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. João Thiago do Patrocínio, em 1962, insere-se no contexto de um amplo projeto político-educacional implementado no Rio Grande do Sul durante a gestão do governador Leonel de Moura Brizola (1959–1962). Trata-se do Plano de Expansão Descentralizada, uma iniciativa cujo objetivo central era ampliar o acesso à educação pública, sobretudo no ensino

primário, como estratégia para enfrentar o analfabetismo infantil no estado. A proposta foi sintetizada no lema “Nenhuma criança sem escola no Rio Grande do Sul”, que traduzia o compromisso do governo com a universalização do ensino por meio da construção de escolas e da articulação com as administrações municipais (Quadros, 2001, p. 1).

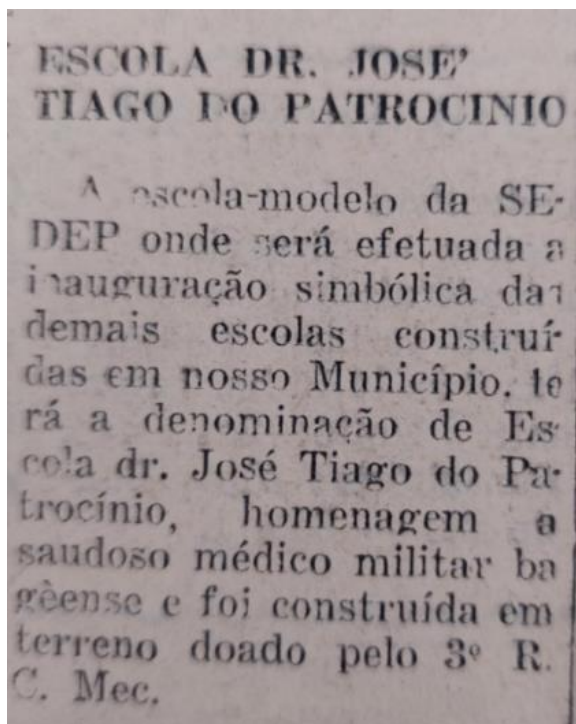
Esse modelo de cooperação entre as esferas estadual e municipal possibilitou a criação de dezenas de unidades escolares em diferentes regiões do estado. Conforme destaca Rodrigues (2019, p. 11), o período foi marcado por investimentos expressivos na infraestrutura educacional, sendo responsável por consolidar uma rede de escolas conhecidas popularmente como “brizoletas” — ou “escolinhas do Brizola” —, as quais se tornaram símbolos da política de democratização do acesso à educação básica naquele contexto histórico.

No caso específico da escola em questão, documentos oficiais, como a Ata nº 1/1962, registram o reconhecimento da instituição como unidade-modelo pelo Serviço de Expansão Descentralizada do Ensino Primário (SEDEP), órgão encarregado da coordenação e fiscalização do programa. A cerimônia de inauguração ocorreu no bairro Passo das Tropas, na cidade de Bagé, mais precisamente na Rua Arthur Lopes. A construção da escola foi viabilizada em um terreno de 900 m<sup>2</sup> cedido pelo Exército Brasileiro, onde foi edificada uma estrutura escolar de 182,52 m<sup>2</sup>.

A solenidade de inauguração reuniu diversas autoridades públicas e representantes da sociedade civil, demonstrando a relevância social e política do empreendimento. Entre os presentes, destacaram-se o prefeito da cidade, Camillo Gomes, o Secretário Municipal de Educação, Justino Costa Quintana, o chefe do SEDEP, Élbio Gonzales, e a coordenadora do projeto, Maria Auta Sena Goulart. A cerimônia contou também com a participação de líderes religiosos, militares e representantes da imprensa local, que noticiaram o evento por meio do jornal Correio do Sul, conferindo-lhe ampla visibilidade pública.

Mais do que uma simples inauguração, o ato representou um marco na política educacional da região, ao incorporar a lógica de descentralização e de cooperação federativa como caminho para a construção de uma rede pública de ensino mais equitativa. A trajetória da escola Dr. João Thiago do Patrocínio, desde sua origem, ilustra, portanto, um momento singular na história da educação gaúcha, caracterizado por esforços concretos de inclusão educacional e pela valorização do papel do Estado como agente garantidor do direito à educação.

Figura 35: Publicação no Jornal Correio do Sul (8 de abril de 1962, p. 4).



Fonte: Acervo do Arquivo Público Tarcísio Taborda (2023)

A preservação da memória institucional constitui um aspecto essencial na construção da identidade das escolas, envolvendo um esforço contínuo de ressignificação das experiências vividas em seu interior. Como aponta Werle (2004, p. 113), cultivar essa memória implica reorganizar tanto as relações quanto as emoções compartilhadas por indivíduos e grupos que compõem a comunidade escolar, estabelecendo conexões entre o passado e o presente. Nesse processo, o papel do gestor educacional se destaca como central, uma vez que lhe cabe a responsabilidade de zelar pela trajetória da instituição e de promover ações que garantam a valorização de sua história. Ao assegurar a continuidade dessa memória, o gestor não apenas fortalece o sentimento de pertencimento coletivo, como também assume um compromisso ético e pedagógico com as futuras gerações, garantindo que o legado construído ao longo dos anos seja mantido vivo.

No caso da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. João Thiago do Patrocínio, o trabalho de preservação da memória institucional ganhou forma por meio da iniciativa da professora Leda Lousada de Azambuja, diretora da escola durante a década de 1970. Sua atuação evidenciou o entendimento de que o registro e a

organização da história escolar são instrumentos fundamentais para a valorização da identidade da instituição. Entre os documentos reunidos sob sua gestão, destaca-se um dossiê sobre a vida e obra de João Thiago do Patrocínio, fornecido pela 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, com a qual a diretora mantinha uma relação de proximidade.

Esse material, ao sistematizar informações biográficas e profissionais do patrono da escola, tornou-se uma fonte relevante para a construção da memória coletiva e para a consolidação do vínculo simbólico entre a instituição e a figura histórica que lhe dá nome. Mais do que uma ação isolada de arquivamento, trata-se de uma prática de valorização da trajetória institucional, que contribui para fortalecer o senso de identidade e continuidade entre os membros da comunidade escolar. Assim, a atuação da professora Leda Lousada ilustra como a gestão escolar pode articular práticas de preservação da memória com um projeto educativo comprometido com a valorização da história local e da cidadania.

Figura 36: Faces de João Thiago do Patrocínio



Fonte: Autora (2025)

Embora a fundação da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. João Thiago do Patrocínio tenha ocorrido em 1962, os registros históricos disponíveis concentram-se a partir de 1971, período em que a professora Leda Lousada de Azambuja assumiu a direção da instituição. Esse marco temporal não é casual: a partir de sua gestão, observa-se um esforço sistemático de documentação da vida escolar, evidenciado por registros fotográficos e escritos que abrangem diferentes eventos e atividades pedagógicas e culturais promovidas pela escola.

Entre os materiais preservados, destacam-se imagens de festas juninas, exposições temáticas e participação em eventos cívicos, que revelam não apenas a dinâmica cotidiana da instituição, mas também sua inserção ativa no contexto social e cultural da cidade de Bagé. Dentre as exposições registradas estão a mostra “Área Verde”, na qual a escola obteve o terceiro lugar, “É Tempo de Rio Grande”, com cartazes, maquetes e construções relacionadas à história e à cultura do estado, e “Torne o Rio Grande mais belo”, que valorizava elementos do patrimônio natural e cultural local. A esses registros somam-se ainda memórias da Pré-Escola, do encerramento da 4ª série e dos tradicionais Desfiles Cívicos, compondo um mosaico significativo das práticas formativas desenvolvidas naquele período.

A atuação da professora Leda também se destacou pelas relações de parceria que estabeleceu com instituições e pessoas ligadas à história da escola. Sua proximidade com o Exército Brasileiro, em especial com a 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, e com Paulo Patrocínio — filho de João Thiago do Patrocínio — reforça seu empenho em fortalecer os vínculos simbólicos e afetivos entre a comunidade escolar e a figura do patrono. Um gesto emblemático dessa relação foi a doação, por parte de Paulo, de camisetas para os alunos desfilarem no evento cívico de 7 de setembro, bem como de documentos pessoais de seu pai, como o diploma da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, a tese de conclusão de curso e certificados de homenagem recebidos do Ginásio Auxiliadora.

Figura 37: Coronel Xavier e Paulo Patrocínio em celebração na EMEF Dr. João Thiago do Patrocínio



Fonte: Autora (2022)

Em 1976, a cidade de Bagé prestou uma homenagem oficial a João Thiago do Patrocínio, consolidando o reconhecimento público de sua trajetória. A partir dessa ocasião, manteve-se uma comunicação constante entre a família Patrocínio e a professora Leda, por meio de cartas e cartões postais, o que contribuiu ainda mais para o fortalecimento da memória institucional da escola.

A gestão da professora Leda Lousada de Azambuja pode, portanto, ser compreendida como um marco na constituição da identidade da escola, pautada pelo compromisso com a preservação da história e pela valorização de seu patrono. Sua dedicação em registrar eventos, arquivar documentos e preservar fotografias revela uma compreensão clara de que a memória escolar é parte fundamental do processo educativo, funcionando como elo entre as gerações e como ferramenta de valorização da história local e dos sujeitos que dela fazem parte.

## 5 CONCLUSÃO

As primeiras evidências documentais sobre a trajetória educacional de João Thiago do Patrocínio indicam uma relação estreita com a Igreja Católica, cuja atuação se mostrou decisiva em seus percursos formativos e profissionais. Ainda na infância, Patrocínio contou com o apoio direto de seu padrinho, o cônego Bittencourt, figura influente no contexto religioso local e um dos responsáveis por articular a chegada dos salesianos à cidade de Bagé. Sua liderança no movimento de implantação da congregação religiosa na região teve repercussões significativas na educação local, e foi, possivelmente, determinante para o ingresso de Patrocínio como um dos primeiros alunos do Ginásio Auxiliadora, instituição pertencente à rede salesiana de ensino.

Com o falecimento do cônego, a atuação religiosa e educacional na cidade foi assumida, a partir de 1906, por Monsenhor Constáble Hippolyto, cuja presença também teve forte impacto na vida do jovem Patrocínio. Reconhecido como um entusiasta da educação e atuante nos debates públicos, o monsenhor, juntamente com o coronel Aurélio Bittencourt, teria contribuído para viabilizar a matrícula gratuita de João Thiago na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, além de facilitar sua inserção profissional no jornal *O Independente*, sediado na mesma cidade.

Essas articulações revelam um entrelaçamento significativo entre religiosidade, redes de sociabilidade e oportunidades educacionais. Desde o batismo, passando pela participação no coral da Igreja Matriz e pela matrícula no Ginásio Auxiliadora, a trajetória de Patrocínio demonstra que sua aproximação com a Igreja Católica não se limitava ao campo espiritual, mas representava também um canal de acesso à formação e à mobilidade social. As evidências apontam, portanto, para o papel mediador de figuras eclesiais como o cônego Bittencourt e o monsenhor Hippolyto, cuja influência foi decisiva para sua inserção no meio acadêmico e jornalístico.

No campo da imprensa, João Thiago do Patrocínio revelou-se um sujeito engajado com as questões urbanas e sociais de sua época. Sua atuação no jornal *O Independente* evidencia uma postura crítica diante dos problemas enfrentados pela população de Bagé, sobretudo no que diz respeito à precariedade dos serviços públicos. Entre os temas recorrentes em seus textos estão as deficiências na iluminação pública e as estratégias pouco eficazes de controle da poeira nas ruas da

cidade, problemas que afetavam diretamente o cotidiano dos moradores. Ao mesmo tempo em que apresentava denúncias e reivindicações, seus artigos também registravam reconhecimentos à administração municipal, como os elogios à gestão do intendente Tupy Silveira. Essa postura equilibrada, que conciliava crítica e valorização de avanços institucionais, demonstra não apenas seu comprometimento com o bem-estar coletivo, mas também sua capacidade de diálogo com os diferentes setores da sociedade.

Nesse sentido, a trajetória de João Thiago do Patrocínio ilustra a atuação de um intelectual orgânico, cuja inserção no campo educacional, religioso e jornalístico foi marcada por uma ação crítica e socialmente comprometida, própria daqueles que se engajam na construção de uma sociedade mais justa e consciente de suas contradições.

Ao longo de sua trajetória profissional, João Thiago do Patrocínio vivenciou um período de afastamento da imprensa, momento em que direcionou suas energias para a prática médica e para o exercício de funções junto ao Exército Brasileiro. Tal afastamento, no entanto, não significou uma ruptura definitiva com o campo jornalístico, mas sim uma pausa estratégica frente às exigências de sua formação e ocupações profissionais. O retorno ao universo da escrita ocorreu posteriormente, na cidade de Passo Fundo, quando passou a colaborar com o jornal *O Nacional*, adotando o pseudônimo “João Ferro”. Nessa nova fase de produção textual, nota-se uma inflexão estilística marcante: suas crônicas e poesias ganham contornos mais subjetivos, revelando um autor fortemente influenciado por traços do romantismo, cuja escrita adquire um tom emocional, introspectivo e autorreferente.

Essa transição temática e estilística reflete não apenas a versatilidade de Patrocínio enquanto escritor, mas também sua habilidade em dialogar com diferentes formas de linguagem, adaptando-se tanto às exigências da escrita jornalística objetiva quanto às expressões mais íntimas da literatura. As homenagens e registros publicados à época enfatizam sua sensibilidade intelectual e sua generosidade no exercício da medicina, compondo um retrato de alguém que transita com desenvoltura entre os campos da cultura, da ciência e da vida pública. A trajetória de ascensão social de Patrocínio parece estar intrinsecamente ligada ao prestígio conquistado junto às camadas influentes da sociedade, frequentemente descritas nos registros como compostas por “pessoas de bem e de bens” — expressão que remete tanto a capital simbólico quanto a capital econômico.

Suas relações sociais e profissionais indicam uma atuação em redes que envolviam militares, membros da imprensa, médicos e advogados, configurando um campo de sociabilidade marcado pela convivência com figuras de influência local e regional. Essa inserção revela um processo de reconhecimento social pautado na competência técnica e intelectual, mas também mediado por normas de conduta e pertencimento que eram fortemente marcadas por hierarquias raciais e sociais.

Nesse sentido, torna-se necessário refletir criticamente sobre o contexto das homenagens prestadas a Patrocínio, particularmente a utilização da expressão “negro de alma branca”. Essa formulação, presente em registros da época, carrega um peso simbólico significativo ao expressar, de maneira explícita, os preconceitos raciais internalizados na sociedade brasileira de então. A frase reproduz uma lógica eugênica que associa valores positivos à branquitude, construindo uma imagem de excelência intelectual e moral como algo paradoxal à negritude, e apenas possível por meio de uma suposta “elevação” simbólica do sujeito negro ao padrão branco.

A adoção e reprodução dessa expressão evidencia os mecanismos de exclusão e assimilação impostos às pessoas negras que buscavam ascender socialmente em contextos historicamente marcados pelo racismo estrutural. Assim, é plausível supor que, para alcançar reconhecimento em espaços dominados por elites brancas, Patrocínio tenha, em certa medida, incorporado práticas e discursos ajustados às expectativas dessas elites, como forma de reduzir os efeitos da discriminação e garantir sua aceitação. No entanto, essa adequação não apaga os sinais de resistência e agência presentes em sua trajetória, que expressam, antes de tudo, a complexidade de ser negro em uma sociedade que, ao mesmo tempo em que elogia, reforça estigmas e hierarquias raciais profundamente enraizadas.

A trajetória de João Thiago do Patrocínio evidencia as complexas interações entre raça, identidade e mobilidade social no início do século XX, período em que indivíduos negros, para conquistarem reconhecimento e ascensão, frequentemente precisavam adaptar-se às normas culturais e sociais impostas pelas elites dominantes. Essa negociação constante entre origem e assimilação se fazia presente em diversos aspectos da vida pública e privada. No caso específico de Patrocínio, o exercício do jornalismo representou uma via estratégica não apenas de expressão intelectual, mas também de sustentação financeira durante sua permanência em Porto Alegre, quando cursava Medicina. Seus textos, produzidos em jornais como O Independente, revelam um estilo refinado e uma sólida formação cultural, indícios

claros de uma educação pautada na disciplina intelectual do Ginásio Auxiliadora, tradicional instituição vinculada à rede salesiana.

A dedicação à carreira médica, por sua vez, parece ter exigido de Patrocínio um afastamento temporário da atividade jornalística. As lacunas existentes em sua produção nesse campo, especialmente nos periódicos *O Nacional* e *Correio do Sul*, podem ser compreendidas como reflexo das exigências profissionais associadas à medicina, atividade que demandava tempo, concentração e responsabilidade. Essa trajetória de alternância entre campos de atuação revela a complexidade de sustentar múltiplos papéis em um cenário permeado por desafios financeiros, sociais e raciais.

João Thiago do Patrocínio pode ser compreendido como representante de um tipo de intelectual característico do início do século XX: o chamado "letrado-intelectual", cuja autoridade derivava do domínio do saber erudito e da formação acadêmica. Inserido ainda em uma lógica oitocentista sobre o papel social do intelectual, Patrocínio incorporou os valores da cultura letrada, pautada pela crença na educação formal como instrumento de distinção e mobilidade. Sua atuação nos campos da medicina e da imprensa o posiciona como agente ativo na circulação de ideias e na intervenção pública, conferindo-lhe relevância no cenário cultural e político de seu tempo.

Contudo, é necessário estabelecer distinções entre essa figura e o intelectual tal como concebido pela historiografia contemporânea. Conforme observam os estudos de Sirielli, o conceito de intelectual no Brasil passou por reformulações significativas ao longo do século XX, sobretudo a partir do surgimento da história intelectual como campo autônomo. No caso de Patrocínio, sua trajetória deve ser analisada à luz do contexto anterior a essas transformações, em que o papel do letrado ainda se restringia a funções mais tradicionais de liderança moral, educativa e cultural. Isso não diminui sua importância, mas exige que se reconheçam as particularidades de sua atuação, inserida em um momento histórico cujas dinâmicas sociais e políticas impunham outras formas de presença pública.

Por fim, é preciso destacar um dado simbólico e revelador: a ausência atual da sepultura de João Thiago do Patrocínio no Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé. De acordo com informações da administração local, não há registros oficiais de exumação ou transferência dos restos mortais, e nem mesmo os familiares possuem conhecimento sobre qualquer mudança nesse sentido. O neto do patrono, Ricardo, confirmou desconhecer movimentações relacionadas ao traslado. Atualmente, o

espaço anteriormente ocupado pela sepultura foi utilizado para a construção de novas catacumbas. Esse apagamento físico e material de sua memória reforça a necessidade de projetos históricos e educacionais que resgatem e valorizem figuras como Patrocínio, cujas contribuições permanecem pouco reconhecidas na historiografia local, embora tenham sido significativas para os processos de formação educacional e cultural de sua comunidade.

O desaparecimento físico dos vestígios funerários de João Thiago do Patrocínio constitui um fenômeno revelador das formas de apagamento simbólico que afetam a memória de sujeitos historicamente marginalizados. A inexistência de qualquer marco material que remeta à sua existência — como uma lápide ou memorial — contribui para a invisibilidade de sua trajetória no imaginário coletivo da cidade de Bagé. Diferentemente de outras personalidades locais que tiveram suas memórias preservadas e cultuadas, como Maximiano Domingos do Espírito Santo (“Mão Preta” ou “Preto Caxias”) e Luciana Lealdina de Araújo (“Mãe Luciana”), cujos túmulos permanecem como locais de reverência popular, Patrocínio permanece ausente dos espaços simbólicos públicos. Tal constatação permite problematizar a relação entre memória social e materialidade: sem registros concretos, monumentos ou práticas públicas de evocação, figuras como João Thiago tendem a ser esquecidas, apesar da relevância de suas contribuições sociais, educacionais e culturais.

Contudo, há um esforço institucional relevante no sentido de preservar a memória de Patrocínio: a Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. João Thiago do Patrocínio, localizada em Bagé, carrega seu nome e se constitui como um espaço de resistência à invisibilização de sua história. A criação da escola remonta ao Plano de Expansão Descentralizada do Ensino Primário, concebido durante o governo de Leonel de Moura Brizola (1959–1963), que tinha por objetivo combater o analfabetismo no Rio Grande do Sul por meio da ampliação da rede pública de ensino e da valorização da figura do professor alfabetizador. A proposta articulava-se com o espírito da recém-promulgada Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 4.024/1961), que introduzia obrigações legais de mapeamento da população em idade escolar e estímulos à frequência regular. Nesse contexto, a criação da escola representa não apenas um marco na política educacional estadual, mas também uma forma de homenagear um cidadão negro bajeense cuja trajetória rompeu as barreiras sociais impostas à sua condição racial e econômica.

Durante a década de 1970, a professora Leda Lousada de Azambuja, então diretora da escola, desempenhou papel crucial na preservação da memória institucional e na valorização do patrono. Com dedicação e sensibilidade histórica, Leda reuniu documentos junto à 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada e ao filho de João Thiago, Paulo Patrocínio, que se mostrou colaborativo, doando acervos relevantes. Entre os materiais preservados encontram-se o diploma da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, homenagens recebidas pelo Ginásio Auxiliadora, textos jornalísticos, recortes de periódicos e fotografias. Esse esforço memorialístico, embora restrito ao ambiente escolar, evidencia a potência da escola como espaço de construção e difusão da memória coletiva.

Ainda hoje, os docentes da instituição dão continuidade a esse legado, promovendo anualmente atividades em torno da figura de João Thiago no mês de abril, quando se comemora a fundação da escola. No entanto, apesar dessas ações pontuais, sua história segue desconhecida pela maior parte da população local. Tal situação evidencia a fragilidade da memória pública de sujeitos negros bem-sucedidos e a ausência de iniciativas amplas de reconhecimento de suas trajetórias. Até recentemente, inexistia em Bagé qualquer trabalho de pesquisa acadêmica dedicado a recuperar e analisar a vida e a atuação de Patrocínio, o que torna ainda mais relevante a proposta de inseri-lo no campo da História da Educação como objeto de estudo.

O contexto em que João Thiago do Patrocínio construiu sua trajetória foi marcado por um acesso profundamente restrito à educação formal para as camadas populares, especialmente para a população negra. Conforme destacam Gonçalves e Silva (2000, p. 138), a exclusão estrutural de negros dos espaços escolares era uma constante no Brasil do início do século XX. Nesse cenário, o apoio oferecido por figuras influentes como Monsenhor Constáble Hippolyto foi determinante. A intervenção do sacerdote permitiu a João Thiago não apenas o ingresso no Ginásio Auxiliadora, como também o prosseguimento de seus estudos na Faculdade de Medicina e a inserção em atividades jornalísticas, viabilizando sua formação intelectual e sua projeção social.

Sua atuação como jornalista e poeta, além de médico, demonstra o papel multifacetado dos intelectuais negros da Primeira República, cuja inserção em múltiplos espaços era, muitas vezes, condição necessária para garantir visibilidade e prestígio. A escrita, nesse sentido, assumia contornos de engajamento político e

social, configurando-se como ferramenta de afirmação e resistência. O caso de Patrocínio exemplifica, assim, como o suporte institucional e religioso, aliado ao talento pessoal e à rede de sociabilidades, pode ser decisivo para a inclusão cultural e educacional de sujeitos pertencentes a grupos historicamente silenciados.

## 6. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Wilson Ricardo Antoniassi de. “Professor Leovegildo Chagas Santos (1955): Patrono do Terceiro Grupo Escolar de Limeira”, Estado de São Paulo. **Revista História da Educação**, [S. l.], p. 335–355, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/heduc/a/wjznZSwN5R43ds9z8pQyYrD/abstract/?format=html&stop=next&lang=pt>. Acesso em 17 ago. 2024.
- ALVES, Claudia. Contribuições de Jean-François Sirinelli à história dos intelectuais da educação. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v.33, n.67, p. 27-55, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/47879>. Acesso em: 17 mar. 2024.
- AVELAR, Alexandre de Sá. Biografia como escrita da história: possibilidades, limites e tensões. **Dimensões**, Espírito Santo, UFES - Programa de Pós-Graduação em História, v. 24, p. 157-172, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2528>. Acesso em: 25 abr. 2024.
- BARROS, Surya Pombo de. “Escravos, Libertos, Filhos de Africanos Livres, Não Livres, Pretos, Ingênuos: negros nas legislações educacionais do XIX”. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 591-605, Jul./Set. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/9ZhqHKsrZg987cSGqd7SbNg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 jul. 2023.
- BICA, Alessandro Carvalho. **A Organização da Educação Pública Municipal no Governo de Carlos Cavalcanti Mangabeira (1925-1929) no município de Bagé/RS**. 2013, 301 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2013. Disponível em: <https://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4760>. Acesso em: 13 set. 2024.
- BICA, Alessandro Carvalho. “Os primeiros olhares sobre as instituições escolares de Bagé”. **Cadernos de História da Educação**, Universidade Federal de Uberlândia, v.8, n.2, jul-dez, 2009. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/3713>. Acesso em 15 mar. 2023.
- BORN, Claudia. Gênero, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 3, jan./jun. 2001, p. 240-265. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/ZRFBD4Y4DN5FF9tjvfKm3dm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 08 set. 2024.
- BORTOLOTTI, Karen Fernanda da Silva. O conceito de intelectual no discurso educacional de Anísio Teixeira. *In*: VIEIRA, Carlos Eduardo; OSISKI, Dulce Regina Baggio; MEIRA, Letícia Mara de. **História intelectual e educação: linguagens e conceitos**. Jundiaí, SP: Paco, 2024.
- COLÉGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA. **Bodas de ouro**. Bagé: Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, 1954.

COLÉGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA. **Estatutos do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora**. Bagé: Irmãos Cirone, 1904.

COLÉGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA. **Lembrança do ano letivo 1904**. Bagé: Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, 1904.

CRUZ, Mariléia dos Santos. Uma abordagem sobre a história da educação dos negros. *In*: ROMÃO, Jeruse. **História da educação do negro e outras histórias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

DEVINCENZI, Diego Speggorin. **"Esculápios" em formação: o processo de institucionalização do ensino médico no Rio Grande do Sul (1898-1932)**. 2012. 219 f. Tese. UFRGS, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/66291>. Acesso em: 23 nov. 2024.

DUTRA, Paulo Sérgio. "Credores de minha estima": pretos e pardos na instrução pública e privada, no final do século XIX e início do século XX. **Revista Brasileira de História da Educação**, Cuiabá, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbhe/a/6Twy4jGrvZBD9v7VV6btgLd/?format=html&lang=pt>. Acesso em 07 abr. 2023.

GALVÃO, Taís Freire; PEREIRA, Mauricio Gomes. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 23, n. 1, p. 183-184, jan./mar., 2014. Disponível em: [http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-49742014000100018](http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742014000100018). Acesso em: 22 mar. 2023.

GARCIA, Élidea Hernandes. **Escritores Bageenses**. Bagé: Praça da Matriz, 2006.

GIL, Natália de Lacerda; ANTUNES, Cláudia Pereira. "Formas de exclusão e de presença da população negra na história da escola sul-rio-grandense". **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 21, n. 1, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbhe/a/wfjfqJ4ZVLMK83dvqnMWBvD/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 01 abr. 2023.

GINÁSIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA. **Regimento interno do Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora**. Bagé: Cetuba, 1904.

GOMES, Angela de Castro, HANSEN, Patricia Santos. Intelectuais, mediação cultural e políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo. *In*: GOMES, Angela de Castro, HANSEN, Patricia Santos. **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira, SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Movimento negro e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 15, set./dez. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/8rz8S3Dxm9ZLBghPZGKtPjv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 abr. 2023.

GOOGLE MAPS. **Bagé-Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil** [Imagem de mapa]. [S. l.]: Google maps, 2024. Disponível em: [de bage a passo fundo - Google Maps](#). Disponível em: 14. jan. 2025.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. “Intelectuais negros e formas de integração nacional”. Janela para a história, **Estudos Avançados**, Maringá, n. 18, abr., 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbhe/a/wfjqJ4ZVLMK83dvqnMWBvD/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21 ago. 2024.

JORNAL CORREIO DO SUL. Bagé: 1914-. p. 4.

JORNAL CORREIO DO SUL. Bagé: 1919-.

JORNAL CORREIO DO SUL. Bagé: 1923-.

JORNAL CORREIO DO SUL. Bagé: 1925-.

JORNAL CORREIO DO SUL. Bagé: 1928-. p. 4.

JORNAL CORREIO DO SUL. Bagé: 1936-. p. 2.

JORNAL CORREIO DO SUL. Bagé: 1936-. p. 2.

JORNAL CORREIO DO SUL. Bagé: 1936-. p. 5.

JORNAL CORREIO DO SUL. Bagé: 1936-. p. 5.

JORNAL CORREIO DO SUL, Bagé: 1962-. p. 4.

JORNAL O INDEPENDENTE, “Classe Médica”: Sobre João Thiago do Patrocínio, Porto Alegre: 1920-.

JORNAL O DEVER. Bagé: n. 1106, 1931-.

JORNAL O NACIONAL. Passo Fundo: 1931-. p. 2.

JORNAL O NACIONAL. Passo Fundo: 1931-.

JORNAL O NACIONAL. Passo Fundo: 1931-.

JORNAL O NACIONAL. Passo Fundo: 1931-. p. 4.

JORNAL O NACIONAL. Passo Fundo: 1931-.

JORNAL O NACIONAL. Passo Fundo: 1931-. p. 2.

JORNAL REACÇÃO, Bagé, n. 771, 1936-.

LIMA, Diego Ferreira, GÓES JUNIOR, Edivaldo. Educação do corpo, modernidade e os salesianos em escolas brasileiras no início do século XX. **Journal of Physical**

**Education**, Maringá, v. 29, e2927, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jpe/a/Bn3w5DdQwdDYvLf3HgQ86Gt/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 09 abr. 2025.

LIMA, Jonas Crestani de. **“Nós Não Somos Nada Nesta Vida”: identidade e atividade intelectual na obra de Lima Barreto**. 2019. 106f., Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2019. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/8907>. Acesso em: 13 abr. 2024.

LOPES, Mario Nogueira. **“Bagé”**: fatos e personalidades. Porto Alegre: Evangraf, 2007.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, maio/ago. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/4jbGxKMDjKq79VqwQ6t6Ppp/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 22 mai. 2024.

MANZATO, Antônio José; SANTOS, Adriana Barbosa. A elaboração de questionários na pesquisa quantitativa. **IBILCE – UNESP**, São Paulo, 2012. Disponível em: [https://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino\\_2012\\_1/ELABORACAO\\_QUESTIONARIO\\_PESQUISA\\_QUANTITATIVA.pdf](https://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino_2012_1/ELABORACAO_QUESTIONARIO_PESQUISA_QUANTITATIVA.pdf). Acesso em: 21 abr. 2023.

MINIDICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Intelectual**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

MARTINS, Tarcísio Luis Brasil. **Cem anos com a rainha**: centenário da presença Salesiana em Bagé/RS. Porto Alegre: Inspeção Salesiana São Pio X, 2004.

MEIRA, Chéli Nunes. **Apelles Porto Alegre (1850-1917): a trajetória de um intelectual mediador**. Orientador: Eduardo Arriada. 2022. 255 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022. Disponível em: <https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/9535>. Acesso em: 07 nov. 2024.

MOREIRA Marco Antonio. Pesquisa em educação em ciências: métodos qualitativos. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. **Actas del PIDEAC**, v. 4, p. 25-55, 2002. Disponível em: <https://www.if.ufrgs.br/~moreira/pesququali.pdf>. Acesso em: 25 set. 2024.

NOGUEIRA, Fernanda. **“A Produção de Conhecimento Negra na Psicologia da UFRGS”: vozes negras que questionam a colonialidade do ser e do saber no contexto da Educação das Relações Étnico-Raciais - ERER**. 2021. 286 f., Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Fev-2021. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/9749>. Acesso em: 23 ago. 2024.

OLIVEIRA, Evaldo Ribeiro. **Negro intelectual, intelectual negro ou negro-intelectual: considerações do processo de constituir-se negro-intelectual.** 2013. 205 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2340>. Acesso em: 26 abr. 2024.

OLIVEIRA, Francisco Huberlan Arruda de. **Figurações da intelectualidade no Brasil: a crônica de Lima Barreto.** 2013, 86 f. Dissertação, Mestrado em Letras, Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/6612>. Acesso em: 13 set. 2024.

OLIVEIRA, Maria Aparecida Costa *et al.* “Movimentos negros no Brasil e os cenários de luta pela educação.” - Ações afirmativas de promoção da igualdade racial na educação: lutas, conquistas e desafios. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 43, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/ntytgZqBG5wffjyVDC9Q79b/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 18 fev. 2023.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. Maria Junqueira Schmidt: uma intelectual católica em diálogo com a Escola Nova. **Revista Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades**, Teresina, v. 2, n. 3, p. 72-91, set./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/cedsd/article/view/2396>. Acesso em: 15 ago. 2024.

PANIZZOLO, Claudia. A História Intelectual e a história de um intelectual da educação brasileira. **Ponto-e-vírgula**, São Paulo, v. 10, p. 74-88, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/view/13901/10225>. Acesso em: 12 fev. 2024.

PASQUINI, Adriana Salvaterra, TOLEDO, César Alencar Arnaut. Historiografia da educação: a imprensa enquanto fonte de investigação. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 2, n. 3, p. 257 – 267, jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/1297>. Acesso em: 23 set. 2024.

PEREIRA, Waldeir Reis. **Invisibilidade negra na educação: análises com base na experiência de uma professora de uma escola pública de Juiz de Fora/MG.** 2016. 200 f. Dissertação - Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/2345>. Acesso em: 03 out. 2024.

PERUSSATTO, Melina Kleinert. “Esperidião Calisto e o preconceito escolar com base na cor”: educação, cidadania e racialização no século XIX” (Porto Alegre, Rio Grande do Sul). **Tempo**, Niterói, v. 27, n. 2, maio/ago., 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/SwyFCwcnZPmLjH9QKjkwDRc/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 11 jan. 2024.

PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 114, p. 179-195, nov., 2001. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cp/a/FGx3yzvz7XrHRvqQBWLzDNv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 jan. 2024.

**POLIANTÉIA – CINQUENTENÁRIO DA ORDENAÇÃO SACERDOTAL DE SUA EXCIA. RVDMA. MONSENHOR COSTABILE HIPPOLYTO – Protonotário Apostólico ad instar participantium.** Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1942.

PRADO, Eliane Mimesse. A importância das fontes documentais para a pesquisa em História da Educação. **InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, Campo Grande, v. 16, n. 31, jan./jun., 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/intm/article/view/2444>. Acesso em: 16 jul. 2023.

QUADROS, Claudemir de. **Brizoletas: a ação do governo de Leonel Brizola na educação pública do Rio Grande do Sul (1959-1963).** Rio de Janeiro: TEIAS, 2001.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RANGEL, Rosângela Batista. **Manuel Bandeira nas cartas e nas crônicas: percurso literário e arte poética.** 2024. 98 f. Dissertação, Mestrado em Letras, Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/6684>. Acesso em: 02 nov. 2024.

ROIZ, Diogo. **A prática da história intelectual e dos intelectuais: ideias, movimentos e ações.** Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

ROIZ, Diogo. Peças de um mosaico: uma prática de pesquisa para o exercício da história dos intelectuais *In*: ROIZ, Diogo. **A prática da história intelectual e dos intelectuais: ideias, movimentos e ações.** Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

SANTOS, Bárbara da Silva. Usos da palavra impressa: o papel dos intelectuais nos jornais brasileiros. *In*: ORLANDO, Evelyn de Almeida; MESQUIDA, Peri. **Intelectuais e educação: contribuições teóricas à história da educação.** Porto Alegre: Editora Fi, 2021.

SANTOS, José Antônio dos. “Intelectuais negros e imprensa no Rio Grande do Sul: uma contribuição ao pensamento social brasileiro”. *In*: SILVA, Gilberto Ferreira da; SANTOS, José Antônio dos. **RS Negro: cartografias sobre a produção do conhecimento.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

SANTOS, José Antônio dos. **Prisioneiros da História: trajetórias intelectuais na imprensa negra meridional.** 2011. 281 f. Tese. Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2400>. Acesso em: 07 nov. 2024.

SANTOS, José Antônio dos. Intelectuais negros e imprensa no Rio Grande do Sul: uma contribuição ao pensamento social brasileiro. *In*: SILVA, Gilberto Ferreira da,

SANTOS, José Antônio dos. **RS negro: cartografias sobre a produção do conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

SAVIANI, Dermeval. O espaço acadêmico da pedagogia no Brasil: perspectiva histórica. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 28, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/b7ZLqsDKYbFk7SYMCCkZ7b/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 02 jan. 2025.

SERINELLI, Jean-François. Os intelectuais. *In*: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SILVA, Tiago Rosa da. Sujeitos, projetos e lutas políticas: um olhar sobre a imprensa negra em Bagé/RS no Pós-abolição (1913-1952). **Aedos**, Porto Alegre, v.10, n. 22, p.327-346, ago., 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/76478>. Acesso em: 07 mar. 2023.

SOUSA, José Raul de; SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. “Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer”. **Pesquisa e Debate em Educação**, Juiz de Fora, v. 10, n. 2, p. 1396 - 1416, jul. - dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/RPDE/article/view/31559>. Acesso em: 13 jul. 2023.

TAMBARA, Elomar, ARRIADA, Eduardo. **Leis, Atos e Regulamentos sobre Educação no Período Imperial na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2004. (Coleção Documentos da Educação Brasileira). Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-diversas/historia-da-educacao/leis-atos-e-regulamentos-sobre-educacao-no-periodo-imperial-na-provincia-de-sao-pedro-do-rio-grande-do-sul>. Acesso em: 14 maio 2023.

VERAS, Loyde Anne Carreiro Silva. Do Pensamento Educacional à História dos Intelectuais: contribuições de Jean-François Sirinelli para a historiografia educacional brasileira. *In*: ORLANDO, Evelyn de Almeida; MESQUIDA, Peri. **Intelectuais e educação: contribuições teóricas à história da educação**. Porto Alegre: Editora Fi, 2021.

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes. O processo de escolarização no Brasil: cultura e história da educação. *In*: Silvina Gvirtz; Jason Faia. (org.). **Ir à escola na América Latina**. Westport: Greenwood Press, 2007. Disponível em: <https://doceru.com/doc/nec1e0sv>. Acesso em: 15 maio 2023.

VIEIRA, Carlos Eduardo, CORREA, Fabiola Maciel. “Abdias Nascimento: a trajetória de um intelectual negro engajado na disseminação de saberes emancipatórios entre as décadas de 1920 e 1940”. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 22, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbhe/a/fzf3Fdxs9kwfy7VhH5yRMbL/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 26 maio 2023.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. História das instituições escolares: responsabilidade do gestor escolar. **Cadernos de História da Educação**, São Paulo, n. 3, jan./dez.,

2004. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/369>. Acesso em: 19 jun. 2023.

## **ANEXO A – Ata de Defesa de Dissertação**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
 Universidade Federal do Pampa

### ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos vinte e um dias do mês de março de dois mil e vinte e cinco, às 14:00 horas, na sala <https://meet.google.com/nhi-idzu-ozr?hs=122&authuser=0> através de videoconferência, no Campus Bagé, realizou-se a Defesa Pública de Dissertação intitulada: "JOÃO THIAGO DO PATROCÍNIO: Um intelectual no início do século XX em Bagé", na área de concentração **Ensino**, área de conhecimento **Educação** e na linha de pesquisa **Políticas educacionais, produção curricular e demandas sociais**, de autoria da discente Josiane Navarrina Milano Muller, discente do Programa de **Pós-Graduação em Ensino**, nível de Mestrado. A Banca Examinadora esteve constituída pelos professores:

Presidente: Prof. Dr. Alessandro Carvalho Bica

Coorientadora: Prof.ª Dr.ª Simoni Costa Monteiro Gervásio

Membros: Prof. Dr. Marcelo Gomes da Silva, Prof.ª Dr.ª Yascara Michele Neves Koga, Prof.ª Dr.ª Patrícia Weiduschadt

Concluídos os trabalhos de apresentação e arguição, o parecer conclusivo da banca examinadora é de que o(a) discente está (  ) APROVADO (  ) REPROVADO com conceito **A**. Foi concedido um prazo de (60) dias, para que o mesmo efetue as correções sugeridas pela Banca Examinadora no parecer, e apresente o trabalho em sua redação definitiva, sob pena de não expedição do Diploma. E, para constar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca examinadora.

Por sugestão da Banca Examinadora, o novo título passa a ser (preencher se pertinente):

[REDAÇÃO OCULTADA]



Assinado eletronicamente por **ALESSANDRO CARVALHO BICA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 21/03/2025, às 16:16, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **SIMONI COSTA MONTEIRO GERVASIO, PROFESSOR MAGISTERIO SUPERIOR - SUBSTITUTO**, em 21/03/2025, às 16:50, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.